

# COVILHÃ PAISAGEM INDUSTRIAL



DISSERTAÇÃO DE Mestrado Integrado em Arquitectura  
APRESENTADA AO  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC  
ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR PEDRO MAURÍCIO BORGES

TERESA RAQUEL CARVALHO DO ESPÍRITO SANTO  
COIMBRA, 13 DE JULHO DE 2010



## **Agradecimentos**

À minha família, aos meus pais e à minha irmã, por estarem sempre comigo, ao Tomás e à Carolina pelos sorrisos e aos meus amigos que em todos os momentos o demonstram.

Ao Professor Doutor Pedro Maurício Borges pela orientação neste trabalho. Ao Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, à Dra. Helena Correia e à Dra. Elisa Calado. Aos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior, à Arquitecta Margarida Lino, ao Sr. António Mendes e Ricardo Torrão pela imensa ajuda prestada.

Ao Pedro por me ter dado a conhecer a Covilhã. À Nucha e ao Luis Barroso pela ajuda e amizade. À Ju pela ajuda e pela eterna amizade.

A todos o meu muito obrigada.



## **Resumo**

A partir da segunda metade do século XVII, a Cidade da Covilhã teve grande desenvolvimento com base na Indústria que aí se fixou. Aí cresceram importantes núcleos industriais que se tornaram o principal meio de crescimento económico da cidade. Nos anos 70 do século XX, estas indústrias entraram em decadência. Deram-se sucessivas falências e encerramentos e o conseqüente abandono do edificado fabril. Foi deixando um património industrial imenso, que tem uma importância acrescida na cidade pela sua história e pela sua própria localização. Em 1973 surge o Instituto Politécnico da Covilhã, mais tarde denominada Universidade da Beira Interior, que vai funcionar como organismo que reutiliza e reabilita o património industrial da cidade deixado pela decadência da indústria, para as instalações da universidade.

Pretende-se com este trabalho estudar esta atitude de intervenção no património industrial desta cidade e suas conseqüências para a paisagem da cidade.



## Sumário

Introdução	pag. 7
Estado da arte	pag. 11
1. Contexto Histórico	
Evolução Urbana da Cidade	pag. 15
A Cidade industrial	pag. 21
A Cidade hoje	pag. 31
2. Casos de Estudo	
Intervenção no património	pag. 35
Breve Contextualização	pag. 41
A implantação	pag. 49
Análise dos casos de estudo	pag. 57
3. Imagem e Paisagem	
Paisagem Urbana	pag. 77
A imagem da cidade	pag. 81
A imagem da cidade industrial	pag. 85
A imagem da cidade da Covilhã	pag. 89
Análise dos casos de estudo à luz da imagem da cidade	pag. 99
4. Conclusão	pag.113
5. Bibliografia	pag.119
Fontes das imagens	pag.131



## Introdução

Pretende-se estudar a cidade da Covilhã à luz do seu património industrial. Perceber quais as intenções ao reabilitar o edificado fabril abandonado. Analisar esta atitude de intervenção segundo a reabilitação do património em si, do protagonismo que este edificado adquire na cidade e da imagem que é pretendida com a intervenção, nomeadamente ao nível da paisagem. Pretende-se questionar a própria imagem da cidade. Qual é essa imagem? O que a mantém de forma a identificar esta cidade? Terá esta sido mantida? Estudar a paisagem criada pela própria indústria, o que era, no que se tornou com o seu abandono e no que se torna com a sua reabilitação. Entender a paisagem como factor essencial para a caracterização da identidade de uma cidade. Deste modo, partindo da análise de casos de estudo em que é feita a reabilitação do património industrial, perceber a importância deste para a cidade e concluir sobre uma atitude de intervenção e suas consequências para o tecido urbano e para a paisagem.

Espera-se referenciar as intervenções levadas a cabo nesta cidade como um exemplo de sucesso na preservação do património industrial português, revitalizando-o e adequando-o às preocupações do presente. Concluir que esta atitude teve como objectivo salvaguardar a imagem de uma cidade com uma



história marcada pela indústria, manter a sua paisagem inalterada, reforçando assim a sua identidade. Realçar a importância da intervenção no património industrial das cidades, como modo de reabilitar social, económica e espacialmente o espaço urbano, de manter a história, a imagem e a paisagem que caracteriza uma cidade.

## Metodologia

A cartografia apresentada neste trabalho é da responsabilidade da autora, tendo sido obtida através do cruzamento de dados como: plantas da cidade, listagem de fábricas com informações de localização, datas das obras, entre outros e fotografias.



## Estado da arte

Este trabalho parte de algumas obras que surgem como essenciais para a sua elaboração, que irão aqui ser referenciadas. Sobre a cidade da Covilhã surge em 2005 a obra de Nuno Teotónio Pereira - Candidatura ao Prémio Sir Robert Matthew - Prize Nominee | Uma Ideia para a Cidade da Covilhã. Fala das intervenções levadas a cabo pelo Programa Polis, realizadas por Nuno Teotónio Pereira, Pedro Botelho e Luís Cabral. Chega-nos também em 2006, a Prova de Dissertação em Licenciatura de Margarida Mestre - Evolução Urbana e Urbanística da Cidade da Covilhã, onde é feito um estudo da cidade em termos históricos e de evolução urbana. Uma reunião de informação acerca da cidade que até aqui se encontrava dispersa e pouco clara. Em Julho de 2009, é publicado o número 29 da Revista Monumentos, na qual é feito um levantamento da Arquitectura da cidade da Covilhã. Estas três obras irão ser importantes para o trabalho que pretende ser desenvolvido, mas apenas como registo do que esta cidade representou e representa historicamente, de modo a contextualizá-la.

Como base de trabalho para o estudo do património industrial, destaca-se em 2009, a Prova de Dissertação de Mestrado de Vasco Silva - Revolução (Des) Industrial Museificar, Reutilizar e Converter. Nesta é feita uma análise de três métodos de intervenção num espaço outrora industrial - Museificar, Reutilizar e Converter, para assim concluir sobre os diferentes métodos, suas consequências, suas implicações para as cidades em que estão inseridos. Explica também o contexto da queda da indústria no nosso país as causas históricas que levaram ao panorama que hoje se vê. Outra Prova de Dissertação em Mestrado que foi defendida no mesmo ano, de Luísa Martins - O Loft (n)o Património Industrial (d)a Cidade, a reconversão em habitação no centro urbano. Fala acerca da valorização do património industrial e a aplicabilidade deste para o programa habitacional nos centros urbanos. No fundo, através novamente de casos de



estudo, mostrar a importância do programa habitacional como reconversor dos espaços industriais nos centros históricos.

O Registo do segundo Seminário Docomomo Ibérico realizado em Novembro de 1999 - A arquitectura da Indústria, 1925-65 - é uma obra que regista a história da Industrialização na Península Ibérica neste período. Explica como se deu o processo da Industrialização e suas consequências para a paisagem da cidade. Fala também das marcas que a arquitectura e a engenharia industrial deixaram no território e do “fim da fábrica, o início da ruína”. Este é importante para este trabalho por se tratar de um registo histórico e arquitectónico do processo da Industrialização em Portugal, do seu património, outrora em produção, agora em alguns casos em decadência.

A obra Paisagem Urbana de Gordon Cullen, fala-nos da nossa relação com os elementos existentes na cidade, relações de óptica, de localização, de conteúdo, que nos permitem atribuir qualidades aos espaços. Expõe as diferentes formas em que a paisagem nos é apresentada, que nos cativa, as diferentes relações que se podem criar com esta. A imagem da cidade, livro de Kevin Lynch, fala sobre o aspecto das cidades, a sua imagem como importante factor histórico. Dá três exemplos de cidades americanas: Boston, Jersey City e Los Angeles, referindo-se à forma visual de uma cidade como sendo um problema de paisagem urbana, de desenho urbano. As duas últimas obras referidas irão ser fundamentais para o entendimento de imagem da cidade e da importância da paisagem para a caracterização da cidade em estudo.



## 1. Contexto histórico

### Evolução Urbana da Cidade

A primeira preocupação ao nível urbanístico de que há registo na península ibérica aconteceu com a cultura castreja, datada de 500 anos antes de Cristo. Não sendo a cidade da Covilhã excepção, aqui nasceu uma cultura de ocupação através de um núcleo fortificado que se fixou a meia encosta, por razões fundamentalmente defensivas. Um século mais tarde, a ocupação Romana dá-se neste espaço, até aqui ocupado pelos castros, reforçando as suas qualidades de muralha, mas também na planície, junto às margens das ribeiras da cidade.<sup>1</sup>

Perante as invasões muçulmanas em 711, o núcleo muralhado inicial criado pela cultura castreja mantém-se, sendo constantemente reforçado e reconstruído pela população. Após inúmeras reconstruções, só no século XIII é que a cidade estabilizou após a sua última reconstrução em 1210. Por esta altura, é-lhe atribuído o foral, pelo facto da cidade precisar de uma repovoação urgente, sendo uma forma de controlar aquela povoação e de servir a defesa do reino. “A nova organização da

---

<sup>1</sup> Cf. RODRIGUES, José Miguel. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009, nº29. p. 6-14.

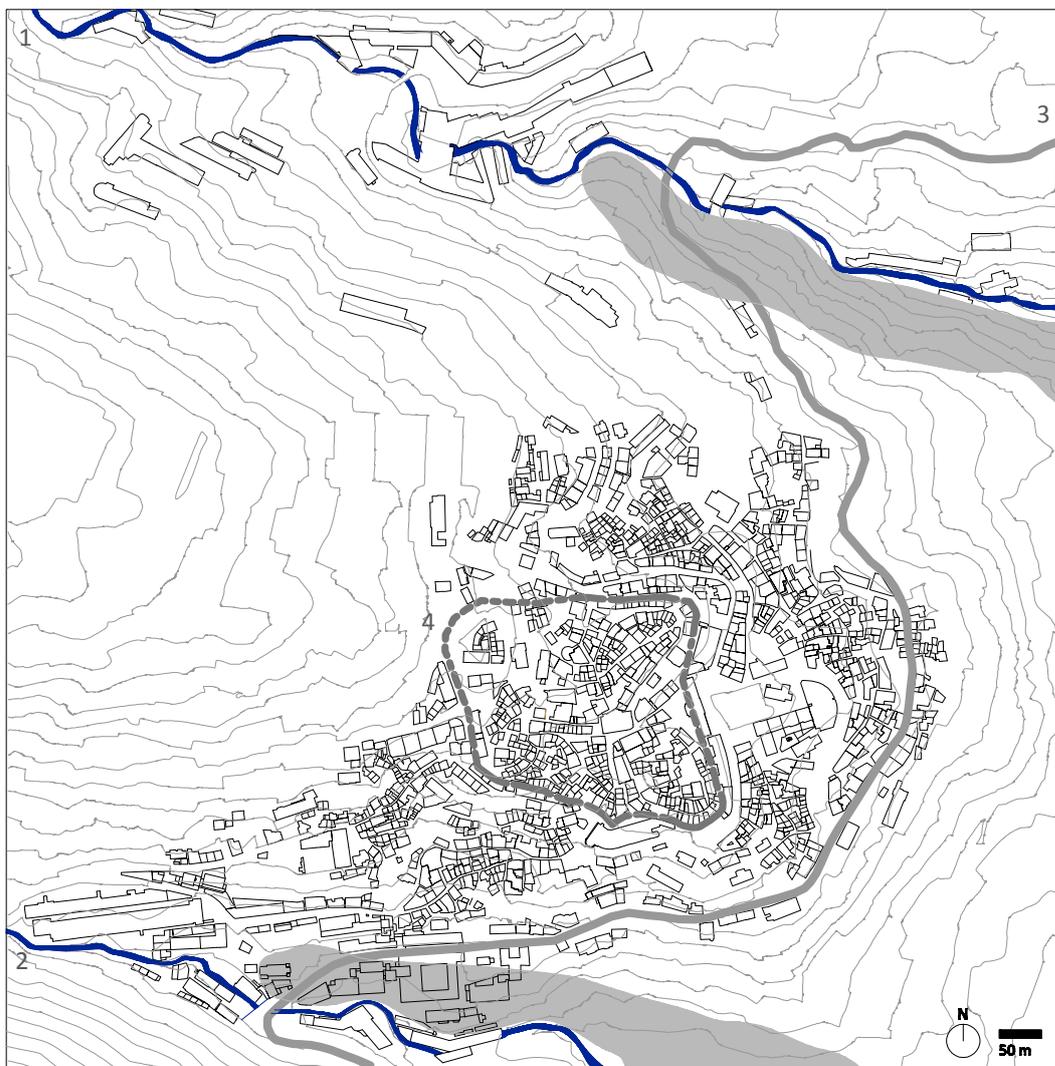


Figura 1 - Covilhã: antecedentes castrejos e ocupação romana do vale. 1- Ribeira da Carpinteira; 2- Ribeira da Goldra; 3- Estrada Nacional; 4- Muralha.

Covilhã ficou, então, oficial e materialmente expressa pelo foral, pela constituição de um castelo e fortificação da vila.”<sup>2</sup> Assim, esta nova estrutura pensada para a cidade vai acabar por se desenvolver utilizando a mesma situação geográfica onde se desenvolvera até aí, com pequenas variações. Nasce então o castelo na parte mais alta da vila e a muralha a cercá-lo; com estes são também construídos alguns elementos de apoio à população como é o caso da cisterna medieval.

Durante os séculos XIV e XV, as comunidades judaicas que se fixaram nesta zona, tiveram grande importância e influenciaram de alguma forma o desenvolvimento da cidade.<sup>3</sup> Estas comunidades estabeleceram-se na cidade e construíram representações da sua vida religiosa e comunitária, que mais tarde acabariam por ser adaptadas a outras utilizações. Estas deixaram uma característica essencial para a definição da cidade, pois terá sido com elas que surgiu o trabalho dos Lanifícios<sup>4</sup>. Mais tarde, com o desaparecimento da comunidade judaica em 1614, são criados os novos Paços do Conselho a nascente da muralha medieval, que aproveita uma das portas da muralha, passando a fazer parte desta. O arrabalde - parte exterior à muralha - estava densamente povoado em comparação com o interior da muralha e integrava também a judiaria.

Os séculos XVI e XVII foram marcados por um grande crescimento da população e da cidade. Dentro da muralha, deu-se o crescimento de ruas com traçado irregular ajustando-se à topografia. Surgiram também algumas habitações quinhentistas que ainda hoje podem ser identificadas como tal. Deste modo, a Covilhã cresceu ao contrário da maioria das cidades portuguesas, este crescimento deu-se de fora da muralha para dentro. Sendo que só no século XVI conseguiu o espaço intramuros chegar ao desenvolvimento esperado, enquanto que o arrabalde desde cedo teve grande afluência populacional.

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Daniela – A estrutura urbanística da Covilhã entre a Idade Média e a Idade Moderna. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009. P. 16.

<sup>3</sup> Cf. RODRIGUES, José Miguel - Covilhã: evolução urbana da cidade. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009, nº29. p. 6-14.

<sup>4</sup> *Ibidem.* p. 10.

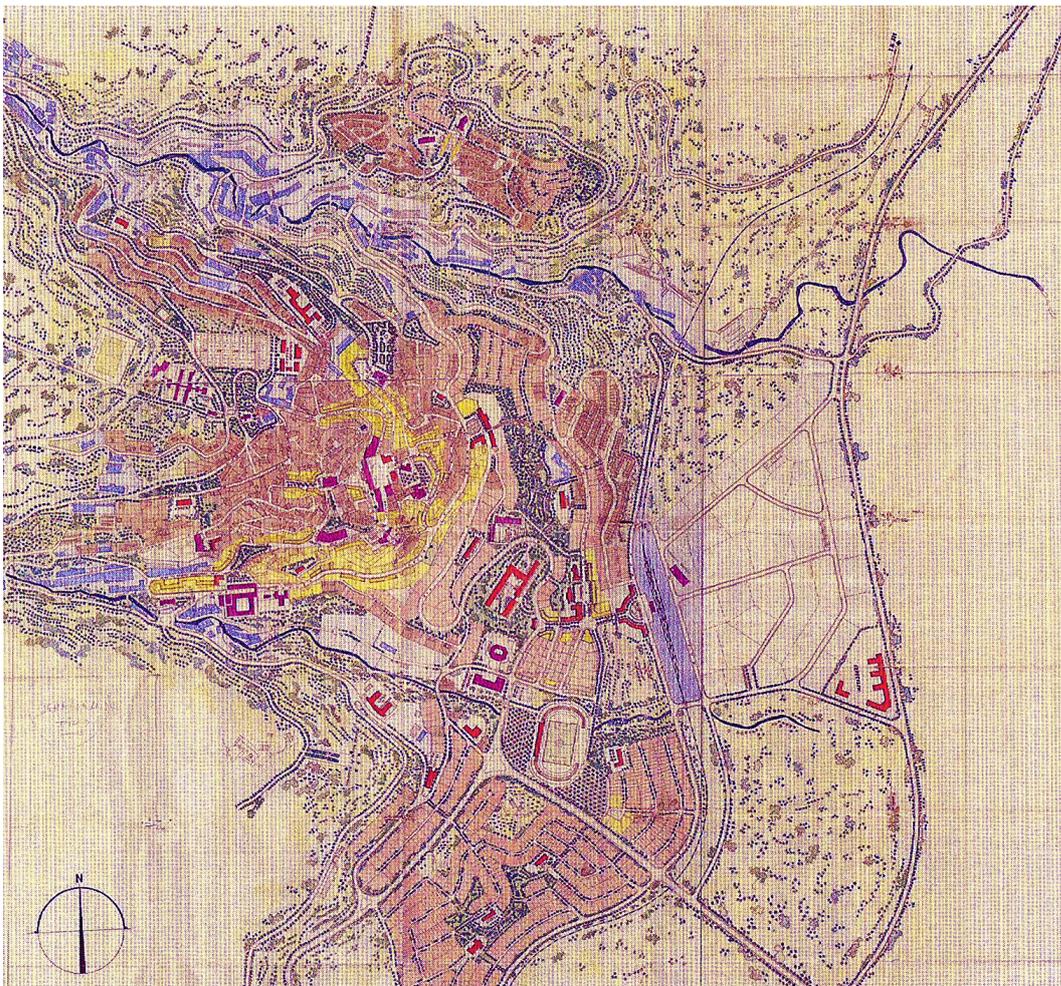


Figura 2 - Antepiano geral de urbanização da Covilhã, João António Aguiar, 1951.

Finalmente, no século XX, anos 50, José António Aguiar é responsável pela cidade que conhecemos hoje. Este foi o autor do Plano Geral de Urbanização da Covilhã, de 1951, objectivo definido por Duarte Pacheco enquanto Ministro das Obras Públicas e Comunicações do Estado Novo. Nasce assim uma nova imagem da cidade, tendo como objectivos principais a construção de uma nova Praça do Município, como representação do poder político do Estado Novo, assim como melhorar as condições de vida das populações e a construção de uma boa rede de circulação.



Figura 3 - Covilhã: planta de ocupação fabril nas ribeiras da Goldra e da Carpinteira e do centro histórico. 1- Ribeira da Carpinteira; 2- Ribeira da Goldra; 3- Estrada nacional; 4- Muralha.

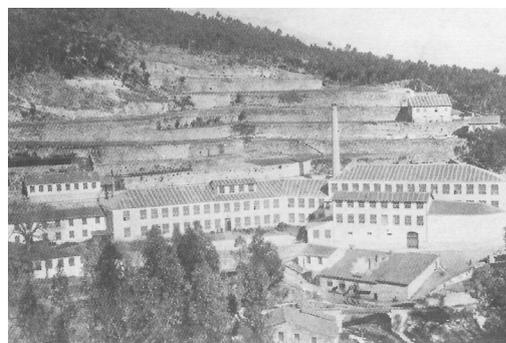
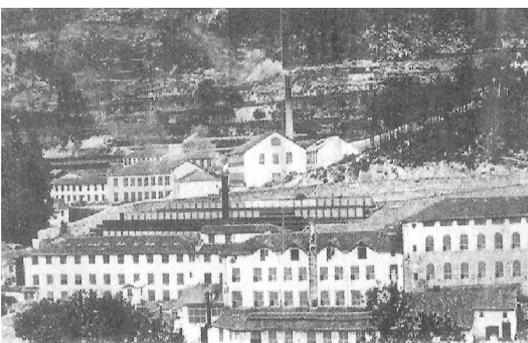
## A Cidade Industrial

O factor que mais caracterizou a cidade da Covilhã ao longo dos tempos foi a sua conotação como cidade industrial. Esta tradição começou na época medieval com a fixação de comunidades judaicas na cidade<sup>5</sup>. Apesar de, desde 711, aquando das invasões muçulmanas, já haver referências à indústria como factor de concentração de actividade na cidade, usufruindo do vasto mercado de trocas comerciais que estas invasões proporcionaram. “E terão sido eles, a par dos muçulmanos, os introdutores ou principais cultores de outras actividades e técnicas industriais em Portugal.”<sup>6</sup> A indústria de Lanifícios justificava a sua localização geográfica pela proximidade da Serra da Estrela que era uma zona de cultura da lã. Esta tradição manteve-se ao longo de gerações, sendo caracterizada pela monoprodução de Lanifícios que envolvia o trabalho de grande parte da população aí estabelecida. A fixação da indústria nesta cidade explica-se também pela necessária proximidade com a água que funcionava como recurso hidráulico para a produção industrial e por estar localizada numa rota de trocas comerciais que potenciaram o seu crescimento. Assim sendo, o edificado fabril implantou-se essencialmente junto às duas ribeiras que percorrem a cidade, portanto nos vales ou a meia encosta.

A actividade dos Lanifícios nesta cidade deu-se, até ao século XVIII, a uma escala de oficina, de produção doméstica mas que concentrava um grande nível de conhecimento deste ofício. Sendo que só a partir desta data é que há registo de construções que se possam considerar de escala industrial, com edificações assinaláveis, algumas delas desenhadas por arquitectos ou engenheiros. Na cidade, estas infra-estruturas fabris fixaram-se em três núcleos: no centro histórico, na ribeira da Goldra e na ribeira da Carpinteira.

<sup>5</sup> Cf. RODRIGUES, José Miguel - Covilhã: evolução urbana da cidade. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009, nº29. p. 10.

<sup>6</sup> RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José Amado - *História da Indústria da Idade Média aos nossos dias*. 1999. p. 31.



Figuras 4-7 - Covilhã: Fábricas antigas na ribeira da Goldra (em cima) e da carpinteira (em baixo).

Na última metade do século XVIII, surgem profundas transformações socioeconómicas e culturais resultantes da Revolução Industrial. Esta surge em Inglaterra e caracteriza-se pela introdução da energia a vapor que permitiria a libertação da indústria dos condicionamentos impostos pelas energias tradicionais. Com esta nova energia, a indústria podia agora ter mais liberdade na sua localização, já que não precisava de estar próxima dos cursos de água para o aproveitamento da energia hidráulica. Com a sua expansão, dá-se um elevado nível de mecanização, em que os espaços industriais são invadidos pelas máquinas que iriam substituir o trabalho à mão realizado até aqui, concentrando-se assim no mesmo espaço fabril as diferentes fases de elaboração dos produtos. Mas, em Portugal este processo não se desenvolveu como no resto da Europa, “(...) Portugal não chegou a concretizar a sua Industrialização e se, de alguma forma, aderiu ao modelo da Revolução Industrial, (...) realizou esse processo por surtos (...)”<sup>7</sup>. No nosso país, o processo da Industrialização foi muito lento e terá chegado a Portugal sensivelmente um século mais tarde<sup>8</sup>, tendo a energia a vapor ocupado um lugar modesto, já que não foi implantada em todo o território industrial. Em geral, em território Português, a energia hidráulica teve sempre um papel muito mais importante do que a energia a vapor. No nosso país, é então mais correcto falar de Industrialização, sendo este o processo de produção a uma escala de fábrica, que concentra todas as fases de elaboração dos produtos para assim obter elevados níveis de produção.<sup>9</sup>

Deste modo, podemos falar numa fase em que a produção industrial se dá a uma escala de oficina, uma produção considerada doméstica, outra caracterizada pelas chamadas manufacturas, tratando-se de um processo de trabalho manual, mas que tem já uma elevada concentração de mão-de-obra. E, finalmente, em

---

<sup>7</sup> CUSTODIO, Jorge – A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965). In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005. p.

<sup>8</sup> Cf. MENDES, José Amado – *“Industrialização e Património Industrial: desenvolvimento e cultura”* – Actas do VIII Curso de Verão da Ericeira (2006).

<sup>9</sup> *Ibidem*.



Figura 8 e 9 - Covilhã: Fábricas antigas na ribeira da carpinteira.

finais do século XVII, surgem as primeiras fábricas que podem realmente obter esta designação, no caso da Covilhã - a Fábrica Velha e a Real Fábrica de Panos – que surgem num contexto de aproveitamento da concentração do saber nesta região para aí implantar outros modelos manufactureiros, iniciativa levada a cabo pelo Estado numa tentativa de incentivar o desenvolvimento da indústria no nosso país. Deste modo, data de finais do século XVII, início do século XVIII, o surgimento de uma indústria que concentrava todos os passos de produção num só local. Apesar desta evolução, em Portugal, continuaram a funcionar as oficinas e manufacturas a par com as fábricas, pois na maior parte dos casos a realidade económica não permitia uma expansão da indústria a uma escala visível, sendo que foram poucos os casos em que realmente se deu uma evolução considerável nos meios de produção industrial.

Na Covilhã, as actividades industriais que precisavam de energia hidráulica localizavam-se junto das ribeiras e as que não estavam dependentes desta energia localizavam-se mais junto ao castelo, podendo-se falar de um sistema doméstico de organização da produção. Poucas eram as infra-estruturas que conseguiam concentrar todas as fases da produção num só edifício, também porque com a topografia acidentada era complicado proceder à extensão do edificado fabril. Nesta cidade, em meados do século XIX, ainda era utilizada só praticamente a energia hidráulica<sup>10</sup>, sendo que “As dificuldades de acessibilidades à Covilhã (...) eram frequentemente evocadas para justificar a tardia e lenta adesão à energia a vapor (...)”<sup>11</sup>

“Pelos especificidades da sua indústria a cidade era uma fábrica. Um organismo vivo vocacionado para a actividade dos lanifícios, que na sua natureza fragmentada, por pequenos e médios edifícios, desenvolvera

---

<sup>10</sup> RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José Amado - *História da Indústria da Idade Média aos nossos dias*. 1999. p. 31.

<sup>11</sup> FOLGADO, Deolinda – Covilhã, a cidade que também foi fábrica. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009, nº29. p. 93.



Figura 10 - Nova penteação e fição de lãs.



Figura 11 - Fábrica Alçada e Mouzaço.



Figura 12 - Fábrica Francisco Mendes Alçada.



Figura 13 - Fábrica Joseph Bouhon.



Figura 14 - Fábrica Fiação rosetas.



Figura 15 - Fábricas no vale da ribeira da carpinteira.

indústrias completas.”<sup>12</sup> Apesar da revolução industrial ter praticamente passado despercebida nesta cidade devido às dificuldades que sempre teve em se mecanizar e adaptar às novas transformações, esta não deixou de ser uma das cidades industriais mais importantes do país. “(...) o inquérito industrial, de 1881, identificava a Covilhã, a par de Guimarães e do Porto, como as únicas cidades consideradas verdadeiramente industriais do nosso país.”<sup>13</sup> A Covilhã foi um caso único em Portugal, em que através da monoprodução de lanifícios e com todas as contrariedades económicas, topográficas e de comunicação, conseguiu criar uma indústria com grande desenvolvimento com os seus próprios meios, deixando quase de parte as novidades trazidas pelas revoluções industriais. Foi durante o período da segunda metade do século XIX até à segunda metade do século XX, que a indústria atingiu o seu máximo desenvolvimento, também numa altura em que o comboio chega à cidade e esta cresce em direcção à estação de caminhos-de-ferro para assim se tornar mais facilmente comunicável.

Durante o Estado Novo, a indústria teve um bom desenvolvimento a nível nacional, também com a contribuição de incentivos da sua parte “Uma das características da industrialização portuguesa, no período do Estado Novo, prende-se com uma acentuada dinâmica da economia, com predominância das preocupações no sector industrial moderno (...).”<sup>14</sup> Assim foi a indústria até aos anos sessenta “Todos os indicadores acentuam os anos sessenta como uma “época de ouro” da industrialização portuguesa.”<sup>15</sup> A cidade da Covilhã não foi excepção, tendo ainda muitos edifícios fabris que testemunham esta fase de grande desenvolvimento.

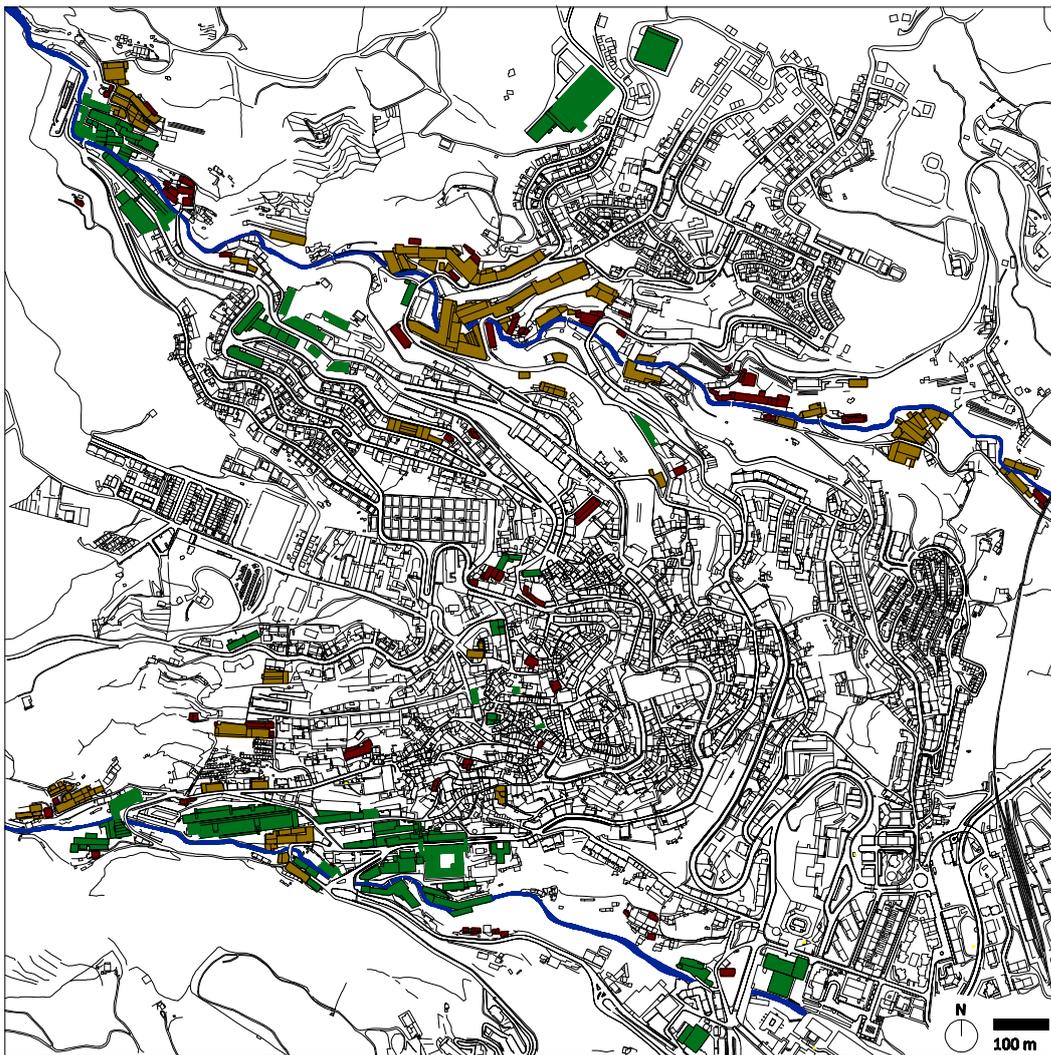
---

<sup>12</sup> PINHEIRO, Elisa Calado - A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009, nº29. p. 99.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> CUSTODIO, Jorge – A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965). In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005. p. 18.

<sup>15</sup> *Ibidem*.



- Fábricas rehabilitadas.
- Fábricas abandonadas / fechadas.
- Fábricas em ruínas.

Figura 16 - Covilhã: planta de ocupação fabril actual.

A partir de 1970, A Covilhã sofre uma crise que deixou marcas profundas na sociedade, na economia e na própria cidade. A indústria, grande força que movia a cidade, começa a revelar debilidades que geraram sucessivos encerramentos das unidades fabris. Este facto justificou-se pela evolução industrial que a Covilhã, e em geral todo o país, não souberam acompanhar. Mas, nesta cidade em especial, a topografia dificultou imenso o crescimento da indústria, sendo que os meios de comunicação nunca se conseguiram desenvolver o suficiente de modo a promover-la. Começaram assim a surgir as unidades industriais estrategicamente colocadas nas periferias das cidades. Com o desaparecimento da indústria da cidade, as consequências para esta foram grandes, tanto por ter visto o seu sistema económico entrar em decadência como pelo enorme património industrial que foi abandonado, fazendo com que a cidade fosse muito afectada a nível urbano. É assim que, em 1975, surge a ideia de criar uma instituição de ensino superior nesta região - Instituto Politécnico da Covilhã. Esta nova instituição, que em 1986 passa a ser a Universidade da Beira Interior, nasce na cidade e vai-se instalar nas antigas fábricas que foram abandonadas pela indústria e que representavam um problema para a cidade até ao momento. Começou por ocupar o edificado fabril então abandonado localizado junto à ribeira da Goldra, representando este o pólo I e II desta instituição de ensino e mais tarde, já nos anos noventa, expandiu-se também para a ribeira da Carpinteira, sendo este o pólo IV. Assim, o surgimento desta instituição e a sua implantação nos antigos espaços industriais que estavam até então em ruínas, foi uma solução que teve consequências muito positivas para a cidade em termos urbanísticos, pois deu-se o aproveitamento de um edificado que detém uma grande importância na cidade pela sua história, pelo espaço que ocupa e também pela escala que adquire. Ganhando assim uma nova função que valoriza o edificado e resolve o problema do património industrial abandonado.



Figura 17 e 18 - Covilhã: actual Praça do Município.



Figura 19 e 20 - antiga muralha (à esquerda) e mercado municipal.



Figura 21 - Covilhã: actual polo I da UBI - Museu de Lanifícios.



Figura 22 - Covilhã: actual polo IV da UBI - Faculdade de ciências sociais e humanas e de artes e letras.

## A Cidade hoje

São inúmeras as obras que contam a história desta cidade e que continuam a fazer parte desta nos dias de hoje. De um modo geral, a cidade manteve a sua estrutura nos seus quatro núcleos – o interior da muralha, a envolvente e os vales industriais. A muralha é ainda visível em alguns pontos e apresenta indícios das suas portas. Os edifícios que mais caracterizam a área intramuros mantêm-se assim, tal como a cisterna medieval, algumas casas do século XVII, as igrejas no interior da muralha que sofreram alterações, algumas algo profundas. Na área imediatamente exterior à muralha, mantêm-se os bairros medievais judaicos, áreas de interesse cívico, como a Praça do Município, que tem ainda vestígios da porta nascente que se abria para esta, e também algumas igrejas datadas do século XVI e XIX.

Finalmente, nos vales industriais, na ribeira da Goldra e da Carpinteira, destacam-se nos dias de hoje os imensos complexos industriais que são reflexos da história da cidade. Juntos às duas ribeiras localizam-se neste momento os pólos da Universidade da Beira Interior, esta que ocupou grande parte do edificado fabril deixado pelo desaparecimento da indústria. Apesar disto, ainda são visíveis na cidade os sinais da decadência da economia industrial, já que principalmente junto à ribeira da Carpinteira, ainda existem fábricas abandonadas, algumas em ruínas, que não foram (ainda) reutilizadas ou algumas que estão neste momento a sofrer obras de requalificação.

Em 1999 o programa Polis chega à Covilhã e tem como objectivos principais:

“(...) reabilitar os vales das ribeiras (...) virar a cidade para esses vales criando novas frentes edificadas (...) favorecer e preservar o património industrial destinando-lhe novos usos (...) favorecer a mobilidade pedonal através de pontes e meios



Figura 23 - Covilhã: reconversão do parque da ribeira da Goldra.



Figura 24 - Covilhã: ponte da Carpinteira.

mecânicos de acesso ao centro (...) corrigir o sistema de implantação de novas construções visando consolidar o tecido urbano e proporcionar a sua integração na paisagem.”<sup>16</sup> Segundo Nuno Teotónio Pereira, a cidade da Covilhã “(...) tem crescido de forma a destruir a sua coesão interna, a desfigurar a sua imagem e a aviltar a sua envolvente.”<sup>17</sup>

Para este Arquitecto, as intervenções que a cidade sofrera até então são tratadas sem ter em conta que se trata de uma cidade com uma topografia acidentada, sem cuidado ao tratar a paisagem e a identidade do local. Estabelecidos estes objectivos, foram levados a cabo alguns projectos realizados por Nuno Teotónio Pereira, Pedro Botelho e Luís Cabral, tais como o desenho de pontes pedonais, escadas mecânicas e elevadores que permitissem facilitar a circulação das pessoas numa cidade com grandes declives como esta. “Entre as áreas recentes e o núcleo primitivo, ou histórico, irão estabelecer-se linhas, que são, simbolicamente e formalmente, pontes.”<sup>18</sup> Resultado do programa Polis são também os Planos de Urbanização dos Vales das Ribeiras da Goldra e da Carpinteira, visando a reabilitação destes vales, virando a cidade para estes, integrando-os na malha urbana e preservando o património industrial abandonado. Outra medida foi a intervenção nas Praças do Município e do Pelourinho, realizada por Nuno Teotónio Pereira. O programa Polis Covilhã teve e continua a ter grande importância na evolução da cidade e na sua reabilitação de modo a manter a sua identidade.

Deste modo, a Covilhã de hoje denuncia os processos e alterações de que foi alvo ao longo da sua história. O seu edificado representa as suas diferentes fases, desde a sua formação até aos dias de hoje.

---

<sup>16</sup> AFONSO, João - Uma Ideia para a Cidade da Covilhã. In PEREIRA, Nuno Teotónio - *Candidatura ao prémio Sir Robert Mathew, Prize Nominee, UIA 2005 : Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. 2005. p. 11.

<sup>17</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio - Atenuar Malfeitorias, Adaptar Relevos, Preservar a Identidade, Consolidar o Tecido Urbano. In PEREIRA, Nuno Teotónio - *Candidatura ao prémio Sir Robert Mathew, Prize Nominee, UIA 2005: Uma Ideia para a Cidade da Covilhã*. 2005. p. 12.

<sup>18</sup> MILHEIRO, Ana Vaz; GONÇALVES, Clara Germana – As pontes da Covilhã. In *Jornal dos Arquitectos* (2003). p. 42.



## 2. Casos de estudo

### Intervenção no património

“A materialidade técnica é um dos vestígios mais importantes da História da humanidade.”<sup>19</sup>

Dos tempos de grande desenvolvimento da indústria no nosso país, só restam memórias e vestígios materiais. São muitas as unidades fabris que foram deixadas ao abandono em Portugal, tornando-se ruínas. As cidades ultrapassam uma fase de valorização do seu património e de interesse em o reabilitar a todos os níveis. E o património industrial não é certamente excepção, pelo crescente interesse que tem despertado, sendo também considerado revelador de uma importante história da cidade. “(...) A especificidade do monumento prende-se, então, precisamente, com o seu modo de acção sobre a memória (...)”<sup>20</sup>. É agora, numa era pós-industrial que se torna propícia a valorização do edificado industrial e a salvaguarda da história e da memória que este representa. Esta

---

<sup>19</sup> FOLGADO, Deolinda – Paisagem Industrial: Utopia na salvaguarda patrimonial. *Margens e Confluências*. 3 (2001). p. 65.

<sup>20</sup> CHOAY, Françoise – *Alegoria do Património*. 2008. p.17.



valorização mostra o reconhecimento da importância da técnica e da tecnologia para o desenvolvimento de um país. “Encontramo-nos, assim, num limiar cultural, pelo menos em Portugal, que já permite um certo afastamento vivencial do objecto industrial para proceder precisamente ao seu reconhecimento como valor cultural.”<sup>21</sup>

Em Portugal já existem alguns edifícios industriais classificados, como é o caso da Cordoaria Nacional ou da Real Fábrica de Gelo de Montejunto<sup>22</sup>, mas salvo raras excepções, a maioria dos conjuntos industriais não obtiveram ainda qualquer tipo de salvaguarda ou classificação. Apesar de neste momento serem muitos os casos de reabilitação de edifícios industriais, casos estes até com grande sucesso, ainda existem muitos ao abandono que ainda não sofreram qualquer intervenção. No caso específico da cidade da Covilhã, é feito em 1999 um inventário do património industrial da cidade pelo IPPAR, onde, através de um protocolo com a Universidade da Beira Interior, foram identificados cerca de 130 edifícios ou conjuntos industriais.

A questão da intervenção em edifícios antigos surgiu culturalmente na segunda metade do século XVIII, sendo que “(...) a questão do património só é verdadeiramente colocada com o advento do romantismo.”<sup>23</sup>

Ao longo do século XX foram muitas as iniciativas que demonstram preocupação com o património e a intervenção sobre este. Em 1964 surge a Carta de Veneza que vem definir alguns princípios de intervenção no monumento histórico. Exemplo destes são o facto da conservação do monumento dever salvaguardar tanto a obra de arte como a história que representa; não pode ser tolerada a deslocação do monumento por fazer parte da envolvente onde está implantado; os elementos de escultura, pintura ou outras manifestações

---

<sup>21</sup> FOLGADO, Deolinda – Paisagem Industrial: Utopia na salvaguarda patrimonial. *Margens e Confluências*. 3 (2001). p. 67.

<sup>22</sup> Cf. FOLGADO, Deolinda – Paisagem Industrial: Utopia na salvaguarda patrimonial. *Margens e Confluências*. 3 (2001). p. 67.

<sup>23</sup> COSTA, Alves - A arte de construir a transformação. *Património estudos*. 3 (2002). P. 125.



artísticas que são parte integrante do monumento não podem ser separados deste; o restauro deve conservar e respeitar os materiais originais do edificado, tanto quanto possível; devem ser respeitados os contributos de diferentes épocas referentes à edificação de um monumento; os elementos destinados a substituir as partes em falta devem articular-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre as partes originais para não se tornar uma intervenção falsa.<sup>24</sup>

Mais tarde, em 2000, actuando no espírito da Carta de Veneza, surge a Carta de Cracóvia. Não avança muito mais em relação à de Veneza, excepto no que diz respeito à paisagem e às cidades históricas. Segundo esta, o património arquitectónico, urbano ou paisagístico, resultam de uma dialéctica entre os diferentes momentos históricos e respectivos contextos sócio-culturais. Defende que uma intervenção deve ter em conta a sua envolvente, o território e a paisagem, pois uma alteração do edificado vai sempre interagir com a sua envolvente. Diz que as paisagens reconhecidas como património cultural são o resultado da interacção da sociedade, a natureza e o meio ambiente.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Cf. *Carta de Veneza - Carta Internacional sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*. [Em linha].

<sup>25</sup> Cf. *Carta de Cracóvia 2000 - Princípios para a conservação e restauro do património construído*. [Em linha].



Figura 25 - Neoclassicismo em Portugal: Hospital de Santo António, Porto.



Figura 26 - Neoclassicismo em Portugal: Palácio da Bolsa, Porto.



Figura 27 - Romantismo em Portugal: Praça de Touros do Campo Pequeno.



Figura 28 - Romantismo em Portugal: Palácio da Pena.

## Breve Contextualização

O património deixado pela indústria dos Lanifícios na cidade da Covilhã faz parte de três séculos diferentes, o que significa que são obras que surgiram em contextos sociais, económicos e construtivos muito distintos. As estruturas industriais com uma escala considerável surgem na segunda metade do século XVII com as Reais Fábricas por iniciativas estatais. Sendo que nos séculos XIX e XX, a indústria expandiu-se consideravelmente pela cidade.

No que diz respeito ao contexto europeu, a segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX foram tempos de revoluções e inovações consequência de tudo o que envolveu a revolução industrial. Como reacção a este período de constantes mudanças e transformações, surgem os movimentos revivalistas que vão caracterizar este período. Renova-se o interesse pela antiguidade clássica, sendo que são o Neoclassicismo e o Romantismo que vão representar esta época controversa. A arquitectura Neoclássica vai caracterizar-se essencialmente pela inspiração Romana, pela versatilidade das construções, o uso de materiais nobres, tradicionais, como pedra, mármore, granito, madeira, não rejeitando os modernos ladrilho e ferro fundido. Vai respeitar uma gramática formal clássica, com o uso de pórticos colunados, entablamentos diretos, frisos lisos ou decorados, frontões triangulares, obedecendo às ordens gregas e romanas, com formas regulares, geométricas e simétricas e com o uso da abóbada de berço ou aresta e da cúpula. Quanto ao Romantismo, a manifestação na arquitectura dá-se pela inspiração no passado medieval, com plantas irregulares, mas utilizando os progressos técnicos adquiridos com a revolução industrial.

Em Portugal este período foi também conturbado. Como consequência do terramoto de 1755, surge o estilo Pombalino, fruto da necessidade de reconstruir a capital. Sendo o nome aplicado devido ao principal impulsionador



Figura 29 e 30 - Quarteirão pombalino.

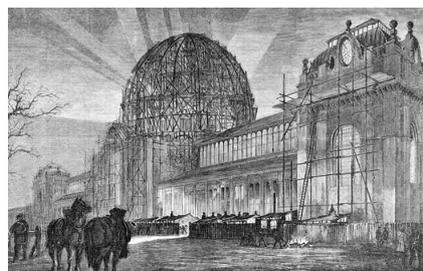


Figura 31 e 32 - Palácio de Cristal, Londres. Joseph Paxton.

da reconstrução lisboeta, Marquês de Pombal. Os seus Arquitectos, Manuel da Maia e Carlos Mardel, criaram o primeiro sistema anti-sísmico e a primeira construção em grande escala pré-fabricada do mundo. É uma estrutura flexível em madeira inserida nas paredes, pavimentos e coberturas, posteriormente coberta por materiais pré-fabricados. A nível urbano, este caracteriza-se pelo traçado rectilíneo ortogonal e por espaços amplos. O edifício pombalino tem até quatro pisos de altura, com arcadas no piso térreo, cobertura em águas furtadas e fachadas simétricas. Todas as construções seguem a mesma tipologia, sendo os pormenores construtivos na fachada realizados segundo a importância do local. Este estilo é marcado pela simplicidade e funcionalidade, com forte carácter neoclássico, eliminando tudo o que é supérfluo, apesar do uso de elementos decorativos do Barroco e do Rococó. Este acabou por ser um sucesso na reconstrução de Lisboa após o terramoto, tendo sido utilizado noutros pontos do país. Mais tarde, os tempos difíceis continuam, com a fuga da Família Real para o Brasil em 1807, as invasões francesas e o posterior domínio inglês, a revolução liberal em 1820 e o regresso da Família Real. Portugal só atinge um pouco de estabilidade em 1834. O Neoclassicismo e o Romantismo desenvolveram-se aqui de modo muito próprio, surgindo um pouco mais tarde que no resto da Europa e permanecendo até ao início do século XX. A arquitectura seguiu os mesmos princípios que no resto da Europa.

A segunda metade do século XIX foi igualmente marcada pelos estilos revivalistas atrás falados, embora comecem a surgir as primeiras construções marcadas pela revolução industrial. Com a explosão demográfica, surge a construção em altura e com o desenvolvimento cada vez maior da indústria, as novas infra-estruturas como fábricas, armazéns, mercados, pontes, pavilhões para exposições. Nestas novas construções são utilizados os novos materiais produzidos industrialmente e por isso mais económicos: tijolo, ferro, vidro, aço, cimento e betão. Numa primeira fase de aceitação e uso dos novos materiais, este é feito apenas em construções utilitárias como pontes. Um dos seus primeiros

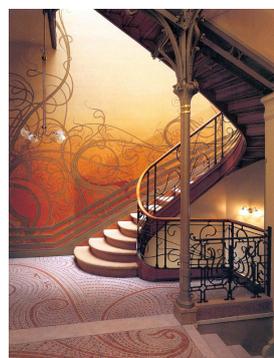


Figura 33 e 34 - Arte Nova: Casa Milá de Antoni Gaudí (à esquerda) e Casa Tassel de Victor Horta.

exemplos foi a construção do Palácio de Cristal por Joseph Paxton em 1851. Estes materiais vão ganhando popularidade e, no final do século XIX já se assiste ao aparecimento de inúmeros edifícios em ferro e vidro. Dá-se a aceitação do esqueleto construtivo em ferro que permitiu libertar as paredes da sua função estrutural, surgindo assim uma nova estética.

Finalmente, na última década do século XIX instala-se o Modernismo, sob um clima de optimismo, surge uma ruptura com a tradição procurando novas expressões formais, técnicas e estéticas que melhor representem o progresso. Este movimento iniciou-se com o estilo Arte Nova, caracterizado pelo uso do ferro e do vidro na planta livre, por volumes irregulares e assimétricos e também pela decoração na qual aposta fortemente, feita com o uso do próprio ferro em objectos como corrimões, entre outros. No início do século XX o contexto europeu é de crises que levam à Primeira Grande Guerra, nos anos vinte a situação era de instalação dos regimes fascistas, na Alemanha, Itália e até em Portugal e do avanço do socialismo soviético. Neste contexto desenvolve-se uma arquitectura que afirma a eficácia dos novos materiais, caminha-se no sentido da planta livre e da desornamentação. Uma arquitectura que essencialmente pretende responder de forma técnica, racional e funcional ao modo de vida de uma nova era. Deste modo surge a Bauhaus, escola alemã multifacetada, com a valorização do design industrial, do uso dos materiais modernos e da adequação forma / função. Com Le Corbusier nasce outra das manifestações do modernismo, o Estilo Internacional, mais uma vez com princípios da união entre a arquitectura e a indústria para assim responder aos problemas da sociedade da época. Desenvolve-se uma arquitectura prática, preocupada com a economia de meios e gastos, com grande racionalidade e pragmatismo.

Em Portugal, a realidade foi diferente. Na última década do século XIX, primeiras do século XX, assiste-se a uma valorização acentuada de eclétismos oitocentistas que vão sendo esquecidos aos poucos pelo uso do ferro e do betão.



A utilização destes materiais foi tardia e rara, com a sua primeira utilização na arquitectura utilitária em estruturas, coberturas, linhas de caminhos-de-ferro e só aos poucos foram sendo usados com sentido estético. Nos anos vinte do século XX, o betão torna-se mais comum e foi substituindo a arquitectura do ferro e do vidro. A Arte Nova no nosso país foi de muito curta duração e apenas se fez sentir na decoração, não tendo sido visível em volumetrias próprias. Em 1940, a Exposição do Mundo Português marca a reacção conservadora, historicista e nacionalista ao Modernismo. Surge a chamada “Arquitectura do Estado Novo” ou “Português Suave”<sup>26</sup>, que representou uma atitude de um conjunto de autores que privilegiou o regresso aos ecletismos classicizantes e tradicionalistas numa procura de símbolos nacionalistas. “A arquitectura acompanhará agora o rumo da política delineada pelo governo de Salazar.”<sup>27</sup> Na prática, a arquitectura produzida nestas décadas caracterizou-se pelo uso de elementos de forte carácter nacionalista nas fachadas e na hierarquia dos volumes. “A Exposição fornece os tópicos: numa organização espacial facilmente legível, evidenciam-se valores de monumentalidade, os atributos de carácter histórico nos elementos arquitectónicos usados (...)”<sup>28</sup>. A partir da década de sessenta, o modernismo foi “reimplantado”, seguindo as características atrás referidas.

No que diz respeito à arquitectura industrial em Portugal feita por arquitectos, até ao aparecimento do Movimento Moderno esta era praticamente inexistente<sup>29</sup>. O desenho das unidades fabris cabia até aqui aos engenheiros e não aos arquitectos, passando a ser desenhadas por estes últimos no período moderno. Os arquitectos portugueses vão ser chamados “(...) para responder à construção dos edifícios da indústria portuguesa, na época dessa acentuada industrialização.”<sup>30</sup>

<sup>26</sup> Assim denominada pelo autor José Manuel Fernandes.

<sup>27</sup> FERNANDEZ, Sergio – *Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974*. 1988. p. 27.

<sup>28</sup> FERNANDEZ, Sergio – *Percurso: Arquitectura Portuguesa: 1930-1974*. 1988. p. 29.

<sup>29</sup> Cf. CUSTODIO, Jorge - A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965). In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005, p. 31.

<sup>30</sup> CUSTODIO, Jorge - A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965). In GARCIA BR-



## A implantação

Numa primeira fase, a localização da indústria deveu-se ao aproveitamento da energia hidráulica, nascendo e estabelecendo-se nas margens dos cursos de água e lutando por bons acessos às suas unidades fabris para assim crescer. As fábricas vão implantar-se na topografia dos vales, onde o rendimento para a agricultura é menor, havendo possibilidade de aproveitamento dos recursos hidráulicos como potência mecânica para a indústria. Ao nível do território, o edificado industrial aparece ao longo da encosta, “(...) produzem uma harmoniosa sobreposição visual que, simplesmente, é resultado de uma disposição mediata, útil e elementar (...)”<sup>31</sup> Este tipo de implantação permite manter acessos de nível às cotas pretendidas, já que o edificado é construído paralelamente às curvas de nível. Deste modo, o impacto no território e na paisagem não é violento.

Surgindo a indústria nos vales dos cursos de água, o crescimento da cidade industrial dá-se como consequência das diferentes e inconstantes fases que esta atinge. Desenvolvendo-se numa topografia abrupta, a cidade cresce de uma forma assimétrica e natural, sendo que se vai alargando no sentido do desenvolvimento fabril e do que o terreno permite. As ruas do centro histórico, de traçado medieval, densificam-se com a convivência de habitação e oficinas de trabalho, introduzindo uma grande elasticidade de ocupação adaptada à flexibilidade laboral que caracteriza a história da cidade industrial.

Esta indústria era caracterizada por ser dispersa e autónoma, constituída por unidades fabris servidas por operários que habitavam a cidade, concentrando-se estes na cidade histórica, periferia das áreas industriais. A instalação de fases desta indústria em áreas tradicionalmente vocacionadas para habitação, sediadas

---

NA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005. p. 32.

<sup>31</sup> VIDAL, Vicente Manuel Vidal – Indústria: cidade e território: a geografia da indústria. In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005. p. 73.

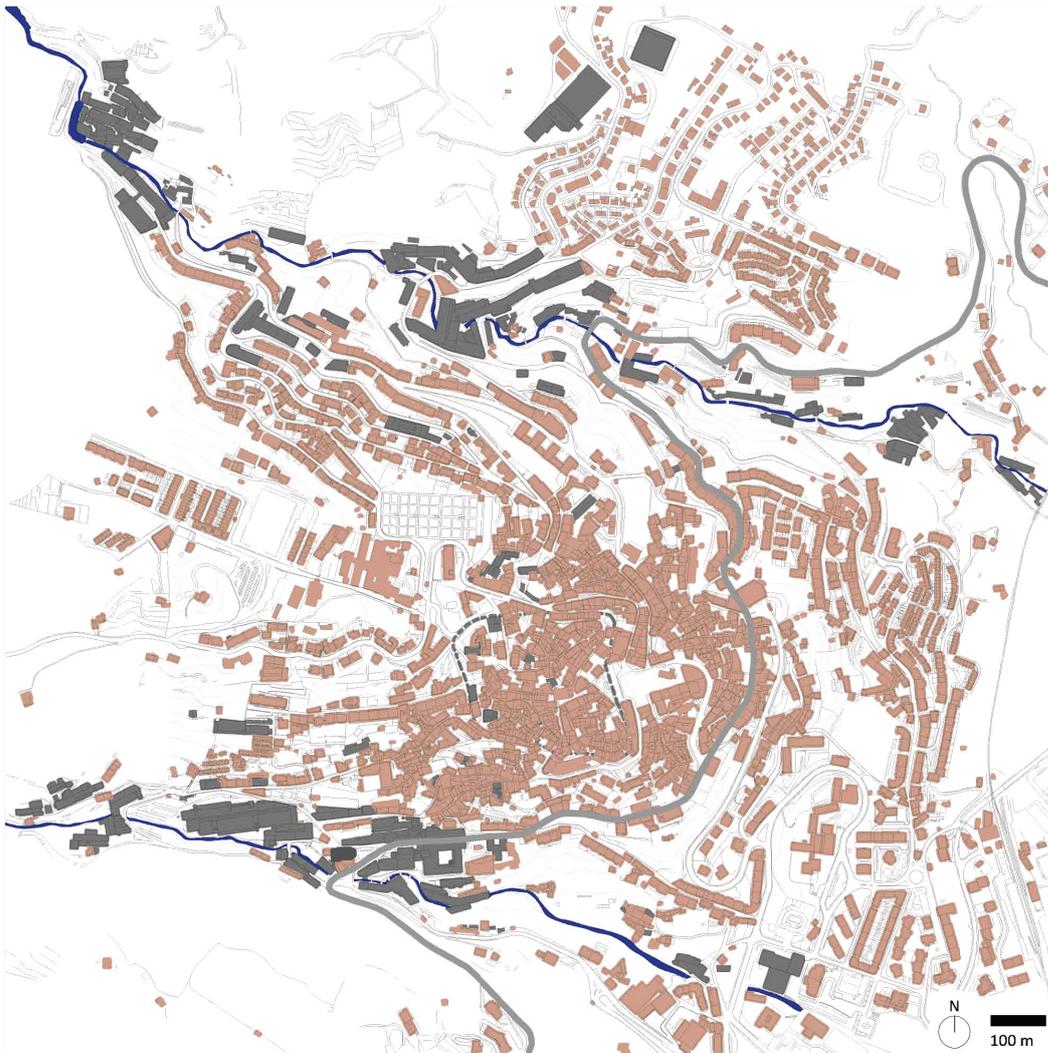


Figura 35 - Covilhã: planta de ocupação actual, com distinção do edificado fabril.

em pátios interiores, caves ou no rés-do-chão, é muito comum na indústria oitocentista.

A revolução industrial originou uma mudança nos sistemas de produção e contribuiu para que se concentrassem grandes complexos industriais e para que assim as cidades tivessem um grande crescimento. Esta concentração da indústria no território veio alterar radicalmente a sua organização que até aqui se desenvolvia sem qualquer planeamento, era deixada ao cuidado de privados ou ao acaso das condições do terreno. Surge assim a necessidade de uma regulação urbana e com esta, várias teorias ao longo do século XIX que propunham respostas para o problema da organização territorial. Exemplos disso são as teorias de Charles Fourier com a criação de Falanstérios<sup>32</sup>, com *Le Nouveau Monde Industriel* em 1829, ou da Cidade Industrial por Tony Garnier, 1904-17, que propõe princípios para a planificação de uma cidade industrial ideal.

Em Portugal, as respostas construtivas à industrialização foram imediatas, sem quaisquer preocupações de planificação. Era clara a ausência de medidas estatais para resolver os problemas sociais de habitação e salubridade. Só na segunda metade do século XIX surge o urbanismo com os planos gerais de melhoramentos em 1865 e apenas se institucionaliza em 1934 com a elaboração dos Planos de Urbanização<sup>33</sup>, onde pela primeira vez as actividades industriais vão ser vistas como intervenientes no espaço urbano.

Com a utilização da electricidade na produção fabril, após a segunda revolução industrial (segunda metade do século XIX), era agora possível alterar a implantação da indústria. Esta pode agora disseminar-se pelo território nacional, alterando a sua tradição de concentração, podendo apenas manter-se próxima das matérias-primas e facilmente acessível. Este facto vai evoluir para a criação de

---

<sup>32</sup> Falanstério era a denominação das comunidades intencionais idealizadas pelo filósofo francês Charles Fourier. Consistiam em grandes construções comunais que refletiriam uma organização harmônica e descentralizada onde cada um trabalharia nos conformes de suas paixões e vocações.

<sup>33</sup> Cf. FOLGADO, Deolinda – O lugar da Indústria no território. In GARCIA BRĂNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005, p.84.



parques industriais, geralmente localizados nos arredores das cidades próximos de eixos de comunicação importantes, sendo já pensados em termos urbanos para o efeito.

A cidade da Covilhã é mais uma vez um bom exemplo a nível nacional, no qual a implantação da indústria se faz dentro da cidade, no centro histórico, para as fases da produção que dispensavam o uso da água e da energia hidráulica, e nas suas ribeiras, dois pólos importantes de concentração do edificado fabril pela possibilidade do uso da energia proporcionada pela água. Sem dúvida que os factores que contribuíram para a fixação da indústria nesta cidade foram o técnico-energético e a “concentração do saber” que já premiava a zona em questão muito antes de se falarem em grandes estruturas fabris.

Assim, nesta cidade, “(...) a maioria dos edifícios conformaram-se à modelação do território (...)”<sup>34</sup>. O edificado era caracterizado por oblongas e orgânicas construções sem projecto prévio. Só mais tarde já nos anos 30, 40 e 50 do século XX é que há registo de se recorrer ao trabalho do arquitecto ou do engenheiro para realizar projectos de ampliação dos edifícios fabris já existentes<sup>35</sup>. Este facto denuncia a falta de qualidade formal do edificado fabril aqui construído, sendo que a Real Fábrica de Panos, de 1764, é claramente uma excepção. O edificado industrial da cidade da Covilhã é indissociável das estruturas que deste fazem parte e que são elementos que ainda hoje em dia vivem juntos das suas ribeiras e denunciam as indústrias que por ali estiveram em plena produção. Elementos tais como tanques, condutas, levadas, suportes de rodas hidráulicas, râmolas de sol<sup>36</sup> e as chaminés. Estas últimas que marcam especialmente a paisagem pelas suas dimensões e grande símbolo da indústria.

---

<sup>34</sup> FOLGADO, Deolinda – O lugar da Indústria no território. In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005, p.89.

<sup>35</sup> Cf. FOLGADO, Deolinda – O lugar da Indústria no território. In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005, p.64.

<sup>36</sup> Râmolas de sol são estruturas geralmente em ferro que serviam para estender os tecidos para permitir a sua secagem. Representa um elemento singular na paisagem industrial da Covilhã.



Todo o tecido urbano da cidade vive da produção. A maior parte do edificado fabril, e o de maiores dimensões, localizava-se junto das ribeiras. Mas, por se tratar de uma monoprodução de lanifícios e pelo território acidentado não permitir uma grande expansão desse mesmo edificado, era possível manter alguns pólos de produção no centro histórico que não precisavam de energia hidráulica nem de água, por exemplo para tingimento e lavagem de tecidos. Estes pequenos pólos localizavam-se geralmente junto às casas dos operários e funcionavam como pequenas oficinas. Deste modo, a indústria era mesmo parte integrante do tecido urbano, não eram apenas dois pólos industriais localizados nas duas ribeiras que limitam a cidade. Esta continuidade era também dada pelos bairros dos operários e pelos grandes palacetes onde habitavam muitos industriais da cidade. “A cidade desenvolve-se como uma gigante fábrica em que as secções se organizam não num único espaço físico construído, mas num território mais vasto: a própria urbe.”<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> FOLGADO, Deolinda - O lugar da Indústria no território. In GARCIA BRÃANA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana - *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005, p. 89.



Figura 36 a 39 - Real Fábrica de Panos - Museu de Lanifícios da UBI.

## Análise dos Casos de estudo

“Apesar de em Portugal se ter processado uma industrialização tardia e escassa (...) a arquitectura dos espaços industriais foi mesmo assim significativa (...)”<sup>38</sup> É esta arquitectura que tem qualidade e que marca sobretudo uma importante parte da história da cidade em estudo que irá aqui ser explorada.

“A engenharia e a arquitectura industrial deixaram marcas no território que traçaram as diferentes dimensões das empresas, em termos de plantas, de ocupação espacial, de volumetria, de geografia de localização e de urbanização.”<sup>39</sup>

Dos edifícios mais representativos da Covilhã como cidade industrial são a Real Fábrica de Panos e a Real Fábrica Veiga que vieram a ser mais tarde dois núcleos do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Criado com intuito da conservação e recuperação de estruturas arqueológicas e arquitectónicas, trata-se de um museu de sítio, pois vive destas estruturas que são preservadas in situ.<sup>40</sup>

A Real Fábrica de Panos, manufactura Pombalina, surgiu no contexto da iniciativa estatal de promover e controlar a indústria nacional. Datada de 1767, esta fábrica foi fundada com o objectivo de concentrar num só espaço várias oficinas que estavam dispersas pela cidade, introduzindo um sistema inovador de organização do trabalho que permitiu uma produção em grandes números, articulada com outros pólos de produção. “(...) o edifício da Real Fábrica representou a mudança de paradigma na construção de um edifício

---

<sup>38</sup> FERNANDES, José Manuel – *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*. 2003. p. 7.

<sup>39</sup> CUSTODIO, Jorge – A indústria portuguesa na época do Movimento Moderno (1925-1965). In GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – *A arquitectura da indústria, 1925-65: registo do Docomomo Ibérico*. 2005. p. 32.

<sup>40</sup> Cf. CABRAL, Bartolomeu Costa - *Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: memória discritiva e justificativa*. 2004. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

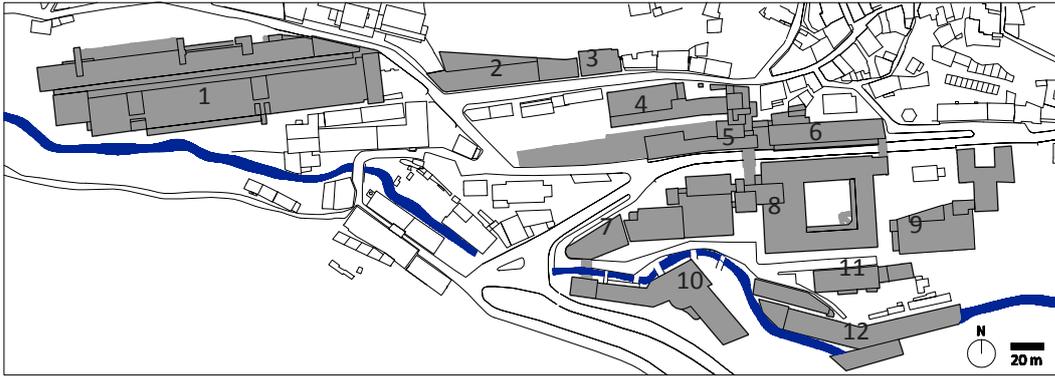


Figura 40 - Covilhã: planta dos polo I e II da UBI:

- 1- Empresa Transformadora de Lans - actual Faculdade de engenharia da UBI.
- 2- Fábrica José Paulo de Oliveira Júnior - actual departamento de arquitectura da UBI.
- 3- Fábrica Manuel Maria Antines Júnior - actual departamento técnico da UBI.
- 4- Real Fábrica de Panos - actuais laboratórios e oficinas do curso têstil da UBI.
- 5- Real Fábrica de Panos - actual entrada principal da UBI.
- 6- Real Fábrica Pereira da Silva - actuais gabinetes e serviços administrativos da UBI.
- 7- Fábrica Francisco Roque da Costa Júnior - actual centro de informática da UBI.
- 8- Real Fábrica de Panos - actual Museu de Lanifícios da UBI.
- 9- Palacete José Mendes Veiga - actual Biblioteca Central da UBI.
- 10- Fábrica Sebastião da Costa Rato - actual
- 11- Fábrica José da Cruz Fazenda - actual Faculdade de Ciências da Saúde da UBI.
- 12- Real Fábrica Veiga - actual arquivo histórico do Museu de Lanifícios da UBI.

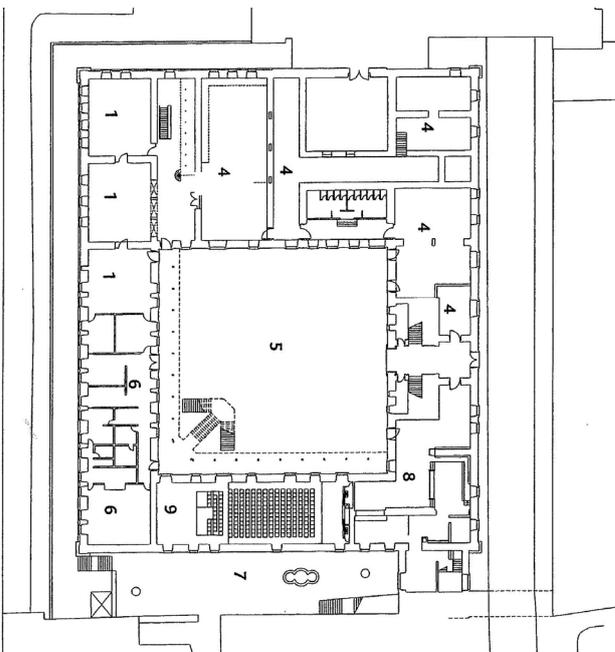
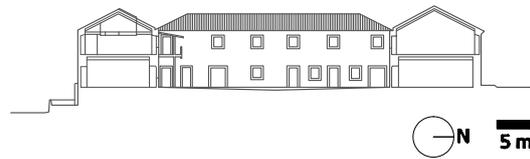


Figura 41 a 44 - Planta do piso térreo e corte do Museu de Lanifícios da UBI - núcleo da Real Fábrica de Panos; fotografias dos alçados do pátio interior.

manufactureiro, da organização do trabalho e da vontade política de potenciar a indústria dos lanifícios (...).<sup>41</sup> Esta manufactura funciona segundo uma lógica de concentração de várias operações de fabrico, de escola de aprendizagem e de operações de acabamento e certificação de qualidade dos tecidos. Volumetricamente, o edifício é constituído por quatro alas rectangulares que ladeiam um pátio central, tendo duas destes alpendres, com telhado de duas águas e dois pisos de altura, sendo um edifício notável em relação às outras construções fabril da Covilhã. As fachadas são sóbrias, com cornijas de granito, disposição regular e ritmada das aberturas, característico do estilo pombalino.

O pólo I, atravessado por uma estrada nacional que sobe a encosta até ao centro histórico e limitado pela ribeira da Goldra, posiciona-se em vias que se acomodam ao relevo existente, ou assente nas curvas de nível ou a tentar vencer essas curvas. Todo o conjunto é caracterizado por construções oitocentistas e pela sua implantação paralela ente si e a directriz da ribeira, sendo que todos os edifícios voltam costas à ribeira. Surgem então ao longo da rua, a Real Fábrica de Panos, a sul e a Real Fábrica Pereira da Silva, a norte, ligadas por uma ponte “(...) pedonal em arco de volta inteira sobre a estrada que é simultaneamente marcação de uma porta simbólica de entrada da cidade.”<sup>42</sup> O Instituto superior da Covilhã surgiu exactamente nos edifícios que constituem esta rua e que fazem parte das Reais Fábricas, sendo que a sua reabilitação foi feita por fases. Numa primeira fase é reabilitado o edifício em frente à construção pombalina, seguida da adaptação desta a espaços de biblioteca, salas de exposição, refeitório, salas de aula, administração e anfiteatro. Numa terceira fase é feita a intervenção de um conjunto de oficinas a poente e por último o projecto de ligação das três fases, integrando a entrada principal do conjunto, estacionamento, administração e ligação aérea ao volume da terceira fase.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> FOLGADO, Deolinda - Covilhã, a cidade que também foi fábrica. In “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Julho 2009, nº29. P. 91.

<sup>42</sup> CABRAL, Bartolomeu Costa - *A universidade e a cidade*. 2005. p. 22.

<sup>43</sup> Cf. CABRAL, Bartolomeu Costa - *A universidade e a cidade*. 2005. p. 57.

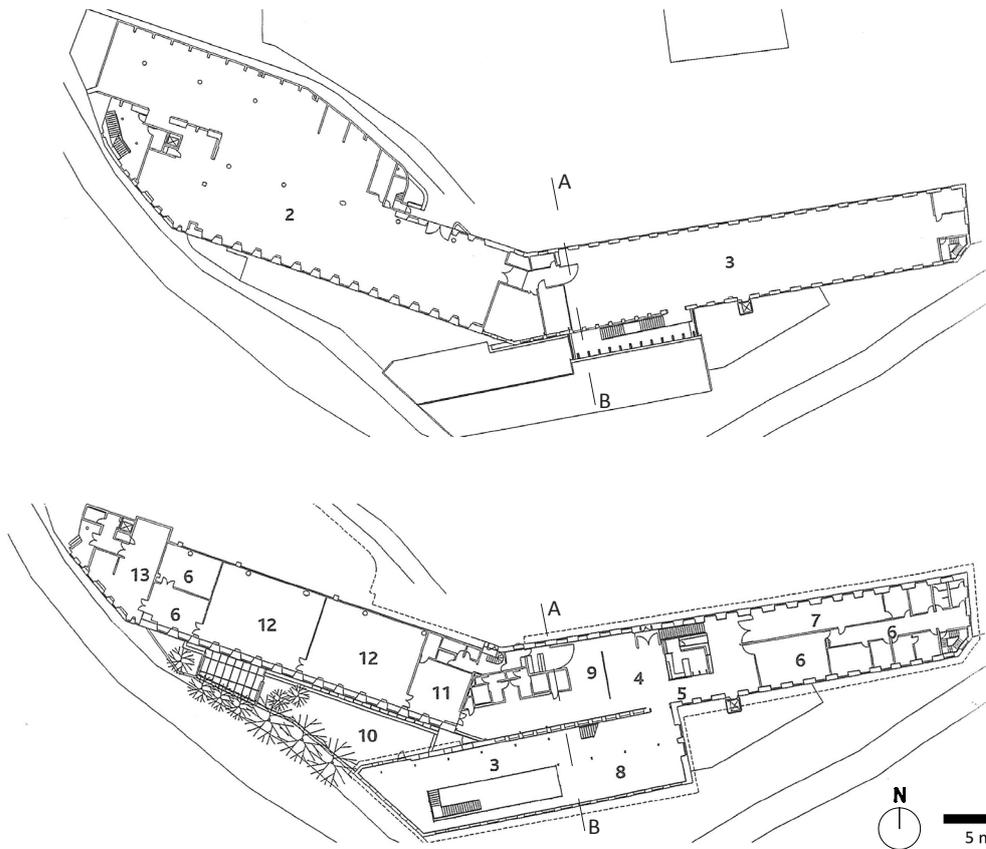


Figura 45 e 46 - Museu de Lanifícios - núcleo da Real Fábrica Veiga: planta do piso térreo (em baixo) e do piso 1.

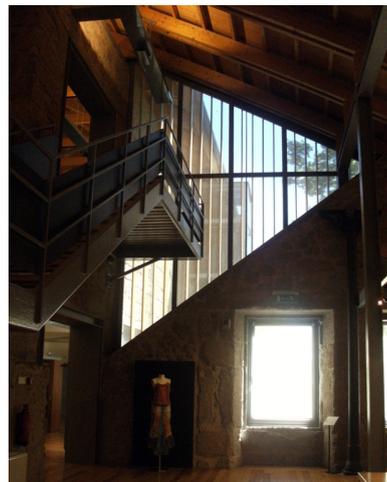
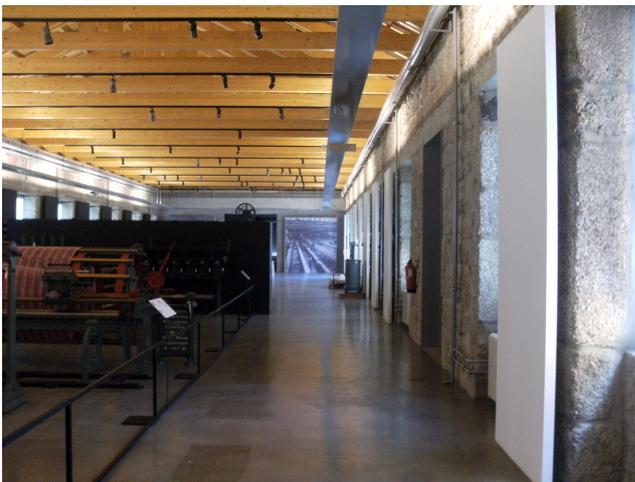


Figura 47 e 48 - Museu de Lanifícios - núcleo da Real Fábrica Veiga: fotografias do interior.

A reabilitação da Real Fábrica de Panos, iniciada em 1973, ficou a cargo de Bartolomeu Costa Cabral e Maurício de Vasconcelos, tendo sido possível levar a cabo a intervenção museológica sem por em causa a arquitectura do edifício. A intervenção museológica não tocou na estrutura do edificado, pretendendo salvaguardar, tanto os elementos de natureza arqueológica e histórica, como o património industrial classificado.<sup>44</sup> As intervenções que diferem do edifício original são muito pontuais, como a abertura de passagens para permitir a continuidade do percurso do museu ou a reconstrução de vestígios de caldeiras e fornalhas, nada que comprometa a estrutura do edificado. Quanto à sua organização interior, o museu não é de modo um núcleo à parte. Os espaços do museu distribuem-se pelo edifício pombalino, integrando-se assim no normal funcionamento da universidade sem ter uma fronteira demasiado marcada.

Na generalidade, foram mantidas as características do edifício. Em termos de exterior os alçados foram mantidos como originalmente, mantendo o seu aspecto simétrico e austero que os caracteriza. No interior, houve sempre a preocupação de distinguir o pré-existente do reconstruído recorrendo à distinção de materiais ou a desníveis no pavimento para fazer essa marcação. Com as reutilizações que sofreu enquanto fábrica e com a adaptação a museu, não foi possível a total identificação dos espaços interiores, daí ter havido necessidade de reconstruir alguns elementos. Desde 1982, este edifício foi considerado imóvel de interesse público.

A Real fábrica Veiga, datada de 1784, foi transformada no núcleo do Arquivo Histórico do Museu de Lanifícios da UBI. Esta intervenção foi também da autoria do Arquitecto Bartolomeu Costa Cabral, concluída apenas em 2004. Localizado junto da ribeira da Goldra, da sua reabilitação foram conservados

---

<sup>44</sup> Cf. PINHEIRO, Elisa Calado – *Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Panos*. p. 36.

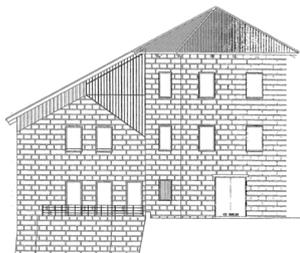


Figura 49-51 - Museu de Lanifícios - núcleo da Real Fábrica Veiga: alçado nascente, corte [AB] e fotografia do alçado norte.

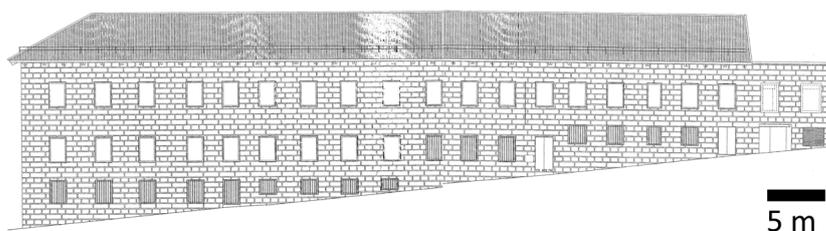


Figura 52 - Museu de Lanifícios - núcleo da Real Fábrica Veiga: alçado norte (parcial).

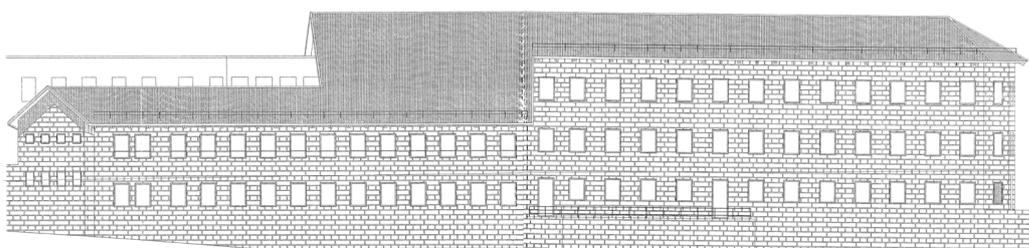


Figura 53 - Museu de Lanifícios - núcleo da Real Fábrica Veiga: alçado sul.

elementos construtivos do edificado existente. O edifício fabril é constituído por um corpo principal a norte com amplas naves em três pisos e um corpo anexo a sul com dois pisos. Ambos são constituídos por paredes espessas de granito com cobertura de telha e com vãos de caixilharia de ferro. O projecto de reabilitação permitiu o aproveitamento das paredes exteriores em alvenaria de granito, assim como das lajes de betão armado do corpo principal. A parte poente do volume principal tinha já sofrido um projecto de aproveitamento para a instalação de um silo automóvel, mas que ainda aguarda execução. O corpo principal já foi alvo de alterações, o que faz com que as lajes sejam de betão armado que são conservadas com a instalação do Museu de Lanifícios. Este edifício sofreu obras de ampliação em 1948, 1955 e 1958.<sup>45</sup>

A transformação do edifício no Museu de Lanifícios é feita tendo em conta o “(...) uso de materiais e desenho de projecto compatíveis com o espírito do edifício.”<sup>46</sup> A entrada é feita pelo piso intermédio - piso térreo onde funcionam a recepção, administração, bar, sala de conferências e um espaço expositivo. Existem mais duas entradas no edifício, uma no topo nascente piso -1, outra no topo poente do piso térreo. No piso -1 localizam-se a tinturaria e diversas áreas expositivas com abertura de comunicação para o piso superior. Construtivamente, como já referido, foram mantidas as paredes exteriores em alvenaria de granito e as lajes de betão armado do corpo principal. No corpo a sul, o pavimento foi feito de raiz em estrutura de ferro e madeira pelo existente se encontrar em mau estado de conservação. As paredes divisórias interiores são em gesso cartonado, tornando o espaço flexível e por isso ajustado ao programa, enquanto as restantes paredes são em betão ou tijolo. Ao nível dos acabamentos, procurou-se reduzir a variedade de materiais, sendo a maior parte deles os já existentes enquanto edifício fabril. Os materiais dos elementos construtivos são utilizados de forma aparente, tal como o betão das paredes e lajes, a alvenaria

<sup>45</sup> Cf. *Levantamento das unidades industriais*. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

<sup>46</sup> CABRAL, Bartolomeu Costa - *Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: memória descritiva e justificativa*. 2004.

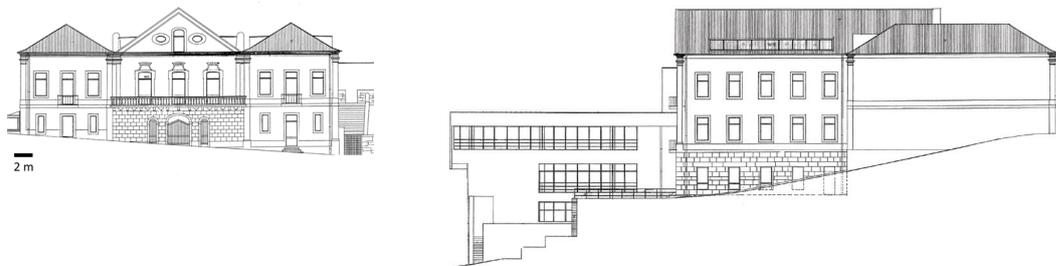


Figura 54 e 55 - Biblioteca Central da UBI - Palecete José Mendes Veiga: alçado norte (à esquerda) e alçado nascente.



Figura 56 e 57 - Biblioteca Central da UBI - Palecete José Mendes Veiga: fotografias do exterior: alçado norte (à esquerda) e alçado nascente.

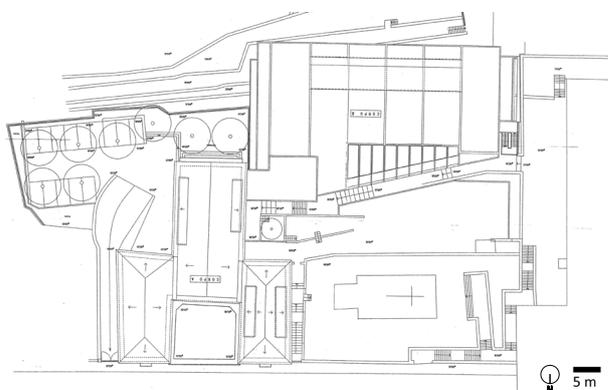


Figura 58 e 59 - Biblioteca Central da UBI - Palecete José Mendes Veiga: planta de cobertura e fotografia do interior.

de granito e os elementos estruturais de madeira. Nesta obra é muito visível a tentativa de conservar o máximo de elementos que caracterizavam o edifício enquanto fábrica. Além de terem sido mantidos e usados muitos dos materiais que o edifício já tinha, as longas fachadas simétricas mantiveram rigorosamente a métrica que as caracterizava, tendo sido apenas acrescentadas grades nas janelas do piso térreo pela proximidade com a rua. A única exceção acontece no alçado nascente, onde é feita uma janela de grandes dimensões a acompanhar a inclinação da cobertura na ligação com o corpo sul, revestida exteriormente por ripas de madeira verticais.

O Palacete do industrial José Mendes Veiga, datado do século XIX que apresenta uma forma afirmativamente urbana em forma de “U” virado para a rua, foi transformado para as instalações da biblioteca Central da UBI, projecto realizado também por Bartolomeu Costa Cabral. O edificado pré-existente reflecte exactamente a arquitectura que se realizava em Portugal em meados do século XIX, de revivalismos e ecletismos oitocentistas, notórios pela simetria dos volumes como pelo ritmo das fachadas. Neste projecto de reabilitação, ao contrário da maioria das intervenções aqui estudadas, surge um novo edifício junto à pré-existência. “(...) a nova construção nasce ancorada numa antiga residência burguesa, mas afirmando-se destacada com plena autonomia.”<sup>47</sup> É talvez o exemplo em que o resultado final, ou a transformação é mais drástica, já que grande parte da biblioteca tem lugar num edifício feito de raiz para o efeito. Mas mesmo assim, a pré-existência é respeitada, tendo sido mantidas as suas características materiais e de ritmo das fachadas, tanto quanto possível na sua junção com os novos volumes. O novo volume criado, onde se instala grande parte da biblioteca é virado para a ribeira da Goldra, o que faz com que seja quase imperceptível a partir da rua principal que atravessa o pólo I da universidade.

---

<sup>47</sup> CABRAL, Bartolomeu Costa - *A universidade e a cidade*. 2005, p.11.

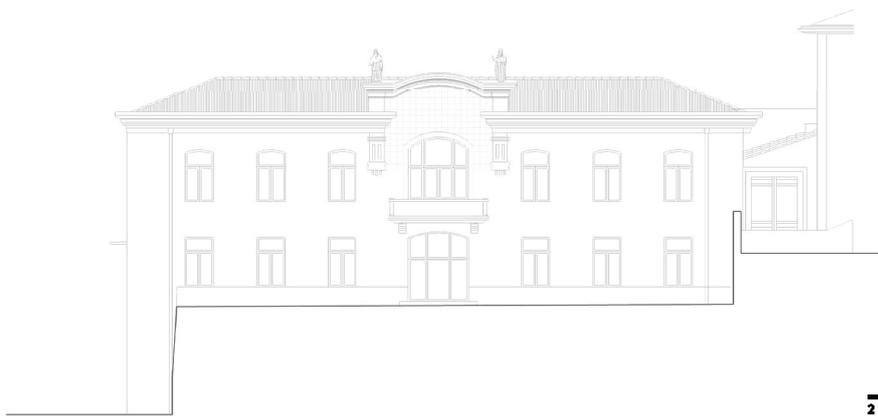


Figura 60 - Faculdade de Engenharia da UBI - Empresa Transformadora de Lans: alçado nascente.



Figura 61 e 62 - Faculdade de Engenharia da UBI - Empresa Transformadora de Lans: fotografias exterior e interior.

Bartolomeu Costa Cabral, Arquitecto pela escola de Belas-Artes de Lisboa e a exercer desde 1956, caracteriza-se por um vasto leque de projectos de arquitectura e planeamento por todo o país. Exemplos do trabalho desenvolvido são, o edifício das Águas Livres em Lisboa, projecto de habitação colectiva de 1953-55, sob a orientação do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira. Sempre teve uma ligação com este Arquitecto, e mais tarde no GPA com o Arquitecto Maurício de Vasconcelos.

A Empresa Transformadora de Lans, projecto original de Ernest Korrodi de 1920, sofreu obras de ampliação em 1940, 1948, 1954, 1960<sup>48</sup> e já em 2000, foi remodelada pelo ateliê GALP para as instalações da Faculdade de Engenharia da UBI. Na intervenção, foi preservada a volumetria original, a fachada principal e os seus painéis decorativos em azulejo. O edifício original, muito marcado pela sua fachada virada para a rua (alçado nascente), é caracterizado pelo uso de elementos que evocam a arquitectura clássica, como o friso, ou o azulejo, elemento representativo do país. Estes elementos podem caracterizar o edifício como pertencendo ao estilo denominado por alguns autores de “Português Suave”, mas apesar de poder ser conotado com este, esta obra mostra sobretudo um cariz revivalista e classicista, característico também do seu autor.

Ernest Korrodi nasceu na Suíça em 1870. Aí, na Escola de Arte Industrial frequentou os cursos de escultor-decorador e de professor de desenho. Em 1889 foi trabalhar como professor para a Escola Industrial de Braga e em 1894 para a Escola Domingos Sequeira em Leiria, onde em 1905 assumiu a direcção da escola. Como Arquitecto dedicava-se à construção de edifício como bancos, fábricas, cine-teatros, quintas e moradias, onde tem uma constante preocupação com a integração ao meio ambiente e às características arquitectónicas locais. A sua obra caracteriza-se pelo classicismo, revivalismo e ecletismo, sofrendo influências

---

<sup>48</sup> Cf. *Levantamento das unidades industriais*. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

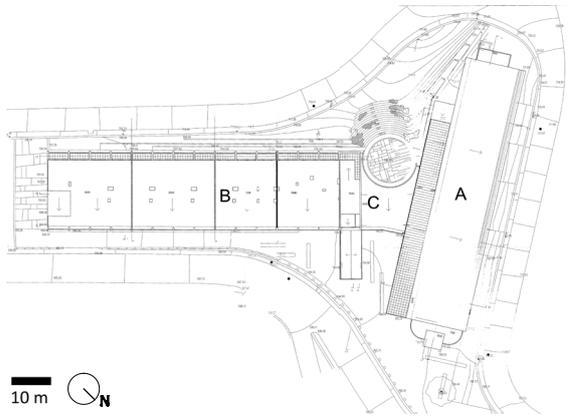


Figura 63 - Residência Pedro Álvares Cabral - Complexo fabril João Roque Cabral: planta de cobertura.

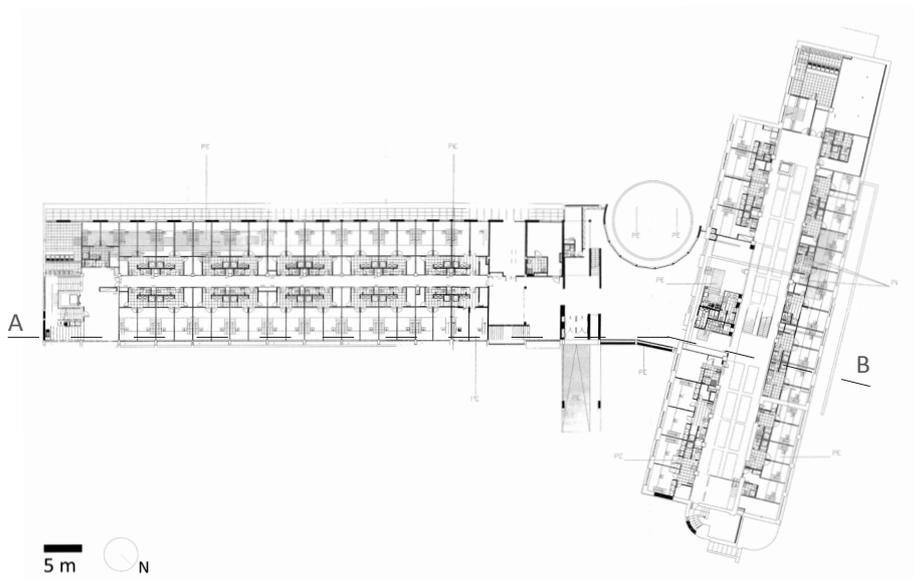


Figura 64 - Residência Pedro Álvares Cabral - Complexo fabril João Roque Cabral: planta do piso térreo.

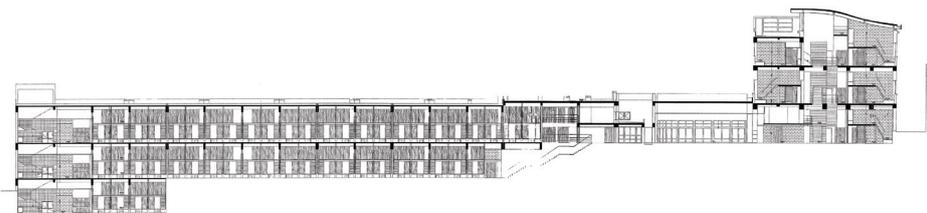


Figura 65 - Residência Pedro Álvares Cabral - Complexo fabril João Roque Cabral: corte [AB].

românticas do final do século XIX. É notável uma aproximação com a Arte Nova. A sua obra construída localiza-se na cidade da Covilhã, com alguns Palacetes, o Banco de Portugal e a Empresa Transformadora de Lans, mas também, e em grande número, em Leiria onde trabalha também com projectos de habitação.

No pólo IV da Universidade da Beira Interior, destaca-se o Complexo Fabril de João Roque Cabral, composto por dois edifícios, datados de 1946 e 1966. Este sofreu em 1999 a intervenção de Conceição Trigueiros, transformando na Residência Universitária Pedro Álvares Cabral. O edificado é composto por dois corpos distintos com datas diferentes e por isso construtivamente diferentes, trata-se de edifícios industriais com grandes áreas e pés-direitos elevados. Existe ainda um terceiro edifício que se localiza entre os dois principais e funciona como ligação, tendo apenas um piso. O edifício A (orientação Nordeste-Sudoeste) é constituído por paredes em alvenaria de granito revestidas a argamassa de cal e areia, e sofreu obras de ampliação em 1957. O interior está dimensionado para a actividade fabril com vigas e lajes para esse fim, sendo as divisórias praticamente inexistentes e os pés-direitos superiores a 5 m. O edifício B (orientação Sudeste-Noroeste) tem estrutura de betão armado organizada em pórticos que suportam as lajes de betão. As paredes exteriores são de alvenaria de tijolo, rebocadas com argamassa de cimento e areia. Um facto comum aos dois volumes é que interiormente os pés-direitos não estão de acordo com os vãos que são abertos para o exterior, já que estão subdimensionados em relação ao pé direito. Na intervenção, os objectivos a serem seguidos foram, entre outros, a menor alteração possível das fachadas nomeadamente das aberturas existentes, “(...) não negar o carácter da função inicial dos edifícios – ‘fábrica’”.<sup>49</sup>

A solução apresentada resultou tendo como grande receptáculo o volume C, que funciona como factor de união dos dois volumes principais, “(...) o grande pólo funcional de distribuição do edifício e o grande pólo simbólico da recepção

---

<sup>49</sup> TRIGUEIROS, Conceição – *Residência Pedro Álvares Cabral: memória discritiva e justificativa*. 1999.



Figura 66 e 67 - Residência Pedro Álvares Cabral - Complexo fabril João Roque Cabral: alçado sudeste e fotografia do alçado noroeste.



Figura 68 e 69 - Residência Pedro Álvares Cabral - Complexo fabril João Roque Cabral: fotografias do exterior e interior da intersecção dos dois volumes.

(...)”<sup>50</sup>, que foi praticamente construído de raiz, já que o volume original foi quase totalmente destruído por não se adequar ao novo programa e por estar em mau estado de conservação. Este novo volume, de forma circular, aproveita a topografia do terreno adquirindo características de anfiteatro, servindo também de separação e acesso da residência feminina e masculina. A unidade residencial foi concebida em duplex, de modo a não destruir a métrica já existente do edifício, conseguindo-se aproveitar um piso intermédio e principalmente permitindo manter os vãos exteriores inalterados utilizando-os para adquirir uma boa iluminação interior. Ou seja, além de se manter o alçado existente, interiormente os vãos são utilizados da melhor maneira, de modo a iluminar tanto o piso inferior do duplex que funciona como zona de estudo, como o piso superior que constitui a zona de dormir. Nas duas residências, feminina e masculina, as fachadas existentes são utilizadas para colocar os quartos. As zonas de convívio são áreas polivalentes que são uma espécie de extensão das zonas de circulação. Na zona central do corpo A surgem duplos pés-direitos que vão garantir a entrada de luz nas zonas de circulação, “(...) criando um espaço central (...) que assume a escala de uma catedral.”<sup>51</sup> Na fachada sudoeste do corpo B, os vãos existentes são demasiado elevados para concretizar o programa residencial, o que faz com que estes vãos tenham sido transformados em espaços abertos, sendo construída uma nova fachada recuada, criando assim uma galeria ao ar livre a todo o comprimento do corpo B.

Deste modo, tanto ao nível das fachadas como a nível interior, o edifício mantém as suas características de grande nave como uma fábrica, pelo facto de se terem mantido as fachadas e a estrutura que definem aqueles espaços como tal. Apesar do volume de ligação dos dois volumes principais ter sido feito sem ser seguido o que já existia e de ter sido alterada a fachada do corpo B, a volumetria do conjunto não perdeu a sua imagem de nave industrial. Pela notória preocupação em, apesar da alteração de alguns elementos, tentar integrar essas

---

<sup>50</sup> *Ibidem.*

<sup>51</sup> *Ibidem.*



Figura 70 e 71 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras - Complexo fabril Ernesto Cruz: fotografias do exterior.

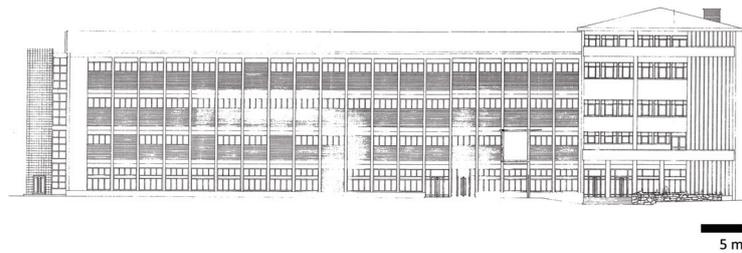


Figura 72 e 73 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras - Complexo fabril Ernesto Cruz: alçado noroeste e fotografia exterior.

alterações com o conjunto de volumes que compõem a obra. Exemplo disso mesmo é o modo como foi resolvido o problema da fachada posterior do corpo B, tendo sido deixadas as aberturas e criando uma nova fachada recuada que pudesse servir as unidades residenciais em termos de vãos. Assim, apesar das alterações realizadas aos volumes originais, o carácter do edificado manteve-se, no fundo o que o caracteriza como edifício fabril, os alçados, o grande pé-direito e as duas grandes naves.

Também no pólo IV da IBU, surge o Complexo Fabril Ernesto Cruz, constituído por dois imóveis e transformado em Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras. Tendo sofrido obras de ampliação em 1947, 1950 e 1957<sup>52</sup>, na sua reconversão em 1994 para instalações da universidade, foi essencialmente preservada a traça dos edifícios fabris. Originalmente, estes dois edifícios estavam ligados por um acesso vertical e uma passagem aérea sobre a rua que passa entre os dois. O edifício de Artes e Letras, construção típica dos anos 40, com três pisos, é constituído por uma estrutura mista em alvenaria de granito e betão armado com uma cobertura em estrutura metálica com telha. A sua reabilitação tentou manter os materiais existentes e a lógica do edifício, mantendo zonas de open space e mantendo também a lógica de ligação dos dois volumes.

Uma característica comum aos casos de reabilitação atrás falados é o facto de terem tido uma grande preocupação em manter o máximo possível do que constituía os edifícios enquanto fábricas. Há uma grande preocupação em manter as características das fábricas antigas, mantendo as suas fachadas, os seus materiais, respeitando no fundo o edificado existente, adaptando-o às

---

<sup>52</sup> Cf. *Levantamento das unidades industriais*. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.



necessidades de hoje sem pôr em causa a importância da sua história. Mesmo nos casos em que as alterações são grandes, há sempre preocupação em integrar o edificado existente com o novo, numa tentativa de integração das duas realidades.



### 3. Imagem e Paisagem

#### Paisagem Urbana

A preocupação com o tema da paisagem urbana parece ter surgido com Alison e Peter Smithson (arquitectos britânicos associados ao Team X e aos Ciam), numa série de publicações sobre a cidade. Estas questões são consequência do CIAM de 1953, onde foram debatidos temas como a relação e interacção entre o homem e o meio ambiente, entre outros.<sup>53</sup> Mas, o conceito só se tornou claro com Gordon Cullen, numa série de publicações na revista “The Architectural Review” que veio mais tarde em 1961, constituir o ensaio empírico sobre equivalência do espaço público, o livro “Paisagem Urbana”.

Segundo este autor, a nossa relação com os elementos da cidade, relações de óptica, localização e conteúdo, que nos permitem atribuir qualidades aos espaços, definem a Paisagem Urbana. Esta é-nos apresentada segundo diferentes formas e cria diferentes relações e reacções nas pessoas.

A paisagem urbana pode ser definida segundo a **visão serial** - quando há um percurso pela cidade e os diferentes elementos e ambientes vão surgindo, como

---

<sup>53</sup> Cf. MUMFORD, Eric – *The CIAM Discourse on Urbanism*. p.121.



se de uma descoberta se tratasse. Há uma sucessão de pontos de vista que vão sendo apresentados e vão criando contrastes na paisagem, e conseqüentemente provocam um sentimento, uma reacção por parte do observador.

Pode também caracterizar-se segundo a **visão local**, em que o observador reage ao espaço que lhe é apresentado. Tem reacções emotivas perante a posição que ocupa no espaço. Os elementos que compõem a paisagem vão fazer com que este tenha uma determinada relação com determinado espaço. Há espaços que pelas suas características são susceptíveis de ocupação, que reúnem elementos que vão criar um ambiente propício. Como uma mera sombra, um muro para sentar, uma guarda de uma ponte, elementos que definem a vontade do observador de parar ou seguir. No fundo, são estes que definem a permanência da população, a forma como o espaço vai ser ocupado e utilizado. Um factor fundamental com o qual o observador reage é sem dúvida o desnível, a topografia. Este pode provocar sensações de intimidade, inferioridade, encerramento ou claustrofobia (abaixo do nível) ou de euforia, exposição, domínio e superioridade (acima do nível).

“Se me fosse pedido para definir o conceito de paisagem urbana, diria que um edifício é arquitectura, mas dois seriam já paisagem urbana, porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para libertar a arte da paisagem urbana.”<sup>54</sup>

Deste modo, a paisagem urbana não é mais que a relação de tudo o que compõe a cidade, o edificado, o vazio, as vias de circulação, tudo o que a torna habitável por grandes massas e que a define efectivamente como cidade. Reflecte a tarefa de tornar coerente e organizados todos estes elementos que fazem parte do ambiente urbano. O ser humano reage perante esta paisagem, podendo fazê-lo de várias formas diferentes, o que vai definir o seu relacionamento no espaço urbano.

---

<sup>54</sup> CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*. 2002. p. 135.



## A imagem da cidade

A imagem não é uma realidade em absoluto. Todas as pessoas têm a sua própria imagem da cidade, criada a partir de memórias e vivências passadas. A nossa percepção da cidade é parcial, na qual todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o resultado de todos estes. Uma estrutura urbana viva e integral que tenha uma imagem clara pode desempenhar um importante papel social, permitindo a criação de símbolos e memórias colectivas. “Uma paisagem impressionante foi a base sobre a qual muitas raças primitivas erigiram os seus mitos socialmente importantes.”<sup>55</sup> A imagem que um determinado indivíduo cria do meio ambiente funciona como estratégia de orientação, através da imagem mental que é criada. As imagens do meio ambiente surgem a partir de um processo entre observador e meio, no qual o último põe à disposição do primeiro, elementos que caracterizam a cidade, e o observador selecciona, organiza e dá sentido àquilo com o qual é confrontado.

A imagem de uma cidade é criada a partir de elementos móveis, as pessoas que nela circulam e as actividades que nela têm lugar, e de elementos físicos, a forma e o espaço da própria cidade. Ou seja, todos os elementos de carácter natural, (paisagem e topografia), edificado (ruas, praças, etc.), sociocultural e simbólico (cultura e modos de vida). Ao criar uma imagem, há conceitos implícitos, como a **legibilidade**, factor que permite o reconhecimento da cidade segundo uma estrutura coerente, a **imaginabilidade**, como factor que contribui para a formação de uma imagem urbana forte, representando justamente a capacidade de evocar uma imagem forte num dado observador. A imagem do meio ambiente pode ser caracterizada através dos seguintes factores: identidade, estrutura e significado. Identidade no sentido de ser um elemento que se distinga, que se destaque pela sua particularidade. Estruturalmente pela

---

<sup>55</sup> LYNCH, Kevin – *A imagem da Cidade*. 2008. P.12.



relação entre o observador e o objecto e finalmente, pelo significado que pode representar emocional, histórica, social ou economicamente uma determinada realidade.

Contudo, apesar de cada observador criar a sua própria imagem do meio ambiente, é necessário que a cidade como um todo tenha a sua imagem correspondente, capaz de a identificar e distinguir. É esta imagem que a vai definir. Segundo Kevin Lynch, “Parece haver uma **imagem pública** de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos.”<sup>56</sup>

Este autor defende também que a forma do meio ambiente é o factor que melhor pode definir e contribuir para a criação da imagem da cidade. Além deste destacam-se também o significado social, a função, a história e até o nome. A forma da cidade é então constituída por vários elementos, tais como vias, limites, bairros, cruzamentos, pontos marcantes, entre outros, que em conjunto vão criar esta imagem. Nenhum destes funciona isoladamente, há uma ligação e sobreposição constante. Assim, para obter uma imagem forte, estes elementos terão que actuar juntos numa estrutura coerente e reconhecível que torne então aquela imagem particular e única. Essa estrutura pode partir de vários princípios organizacionais, mas é fundamental que esta tenha algo que a torna única e reconhecível através da sua imagem. “(...) as imagens com mais valor são aquelas que mais se aproximam de um campo total forte: densas, rígidas e vivas (...)”<sup>57</sup> Um local notável seja qual for o motivo que o torne assim, reforça as actividades humanas aí desenvolvidas, os acontecimentos, fazendo com que esse espaço fique gravado na memória. “A função essencial de uma cidade deve tornar-se evidente, após uma simples vista de olhos pela planta.”<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> LYNCH, Kevin – *A imagem da Cidade*. 2008. P.51.

<sup>57</sup> LYNCH, Kevin – *A imagem da Cidade*. 2008. P.92.

<sup>58</sup> CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*. 2002. P. 103.



## A imagem da cidade industrial

A evidência visual do passado económico, cultural, político e social de uma cidade pode por si só fazer com que esta tenha uma forte expressão, uma imagem que represente a sua história e que por isso seja forte. “(...) poder-se-ia considerar que a imagem da cidade histórica contribui para enriquecer o seu património cultural e urbano.”<sup>59</sup> A imagem da cidade histórica pode ser gravemente comprometida pela degradação do tecido urbano e pela desvitalização social e económica consequente, já que a fisionomia da cidade é alterada, passando esta a estar desordenada. No fundo a cidade pode perder a sua identidade, aquilo que a distingue de tantas outras. Quando uma cidade histórica é revitalizada, o seu património sofre automaticamente alterações que podem pôr em causa a identidade urbana, social e cultural desta. O desenvolvimento económico das cidades, a globalização e a culturalização do mercado são factores que produzem alterações significativas nas cidades históricas, pois a tendência é a aceitação do progresso e a desvalorização do passado histórico.

A paisagem industrial representa o testemunho de um contexto específico de produção, de subsistência. Conta a história da indústria e da sua evolução. A indústria é um factor importante de alteração da paisagem, sendo que quebrou com a ideia de paisagem até aí estabelecida com a paisagem pré-moderna. As alterações introduzidas na paisagem pela indústria mostram as diferentes fases segundo a qual esta se desenvolveu, manifestando-se através dos diferentes materiais de construção, energia utilizada e organização do edificado. Numa primeira fase, da pré-industrialização, a indústria caracteriza-se por construções efémeras e localizadas junto ao núcleo histórico, pela sua escala ainda de pequena oficina, o que faz com que não haja grande registo desta fase na paisagem, pois

---

<sup>59</sup> MENEZES, Marlucci; TAVARES, Martha – *Salvaguarda da imagem da cidade histórica e dinamização do património urbano: discutindo algumas questões*. 2004. P. 1.



não eram construções que se destacassem, pelo que as técnicas de construção utilizadas e a escala que adquiriam eram as mesmas da envolvente. Há também registos de construções junto aos cursos de água, mas seriam mais dispersas, inseridas numa paisagem mais vasta.

Na fase seguinte, manufactura (séculos XVII e XVIII), dá-se o redimensionamento das instalações industriais, consequência da mecanização das tarefas e da separação das fases de produção. A energia utilizada continua a ser a hidráulica, sendo que esta alteração programática do edificado industrial é feita por engenheiros militares. No caso da indústria têxtil, algumas fases da produção continuam a ser feitas ao domicílio por não precisarem de água. Neste período, a paisagem altera-se pelo crescimento dos edifícios industriais, sendo que alguns chegam a obter uma escala monumental. Apesar dos materiais utilizados serem os mesmos, o edificado passa a apresentar elementos arquitectónicos utilizados normalmente noutros programas, tais como frontões, cunhais em alvenaria de pedra, entre outros, que mostram alguma preocupação com os novos edifícios.

Por fim, a fase da industrialização faz com que se dê o afastamento do edificado fabril dos cursos de água, pelo aparecimento do vapor que dispensava a água como fonte energética. Os novos factores de fixação passaram a ser a proximidade com as matérias-primas e vias de circulação e o know-how tecnológico. As cidades sofrem grandes alterações nesta fase, o território é marcado por edifícios cada vez mais diferenciados e de maior escala e surgem infra-estruturas necessárias ao elevado número de operários que chegam à cidade, como testemunham os imensos bairros de operários que começaram a ser construídos para acolher os trabalhadores ligados à indústria. Os edifícios são então marcados por novos materiais que resolvem os grandes vãos e as grandes naves dos espaços industriais. Deste modo, também e principalmente nesta fase, a paisagem sofre significativas alterações, já que foi com a industrialização que se deram as transformações mais importantes ao nível das construções



Figura 74-76 - Covilhã: fotografias que ilustram a paisagem presente hoje em dia por toda a cidade.

destinadas, directa ou indirectamente, à indústria. Além das próprias fábricas terem adquirido maiores dimensões, a chaminé surge sem dúvida como símbolo de progresso técnico que marca especialmente a paisagem.

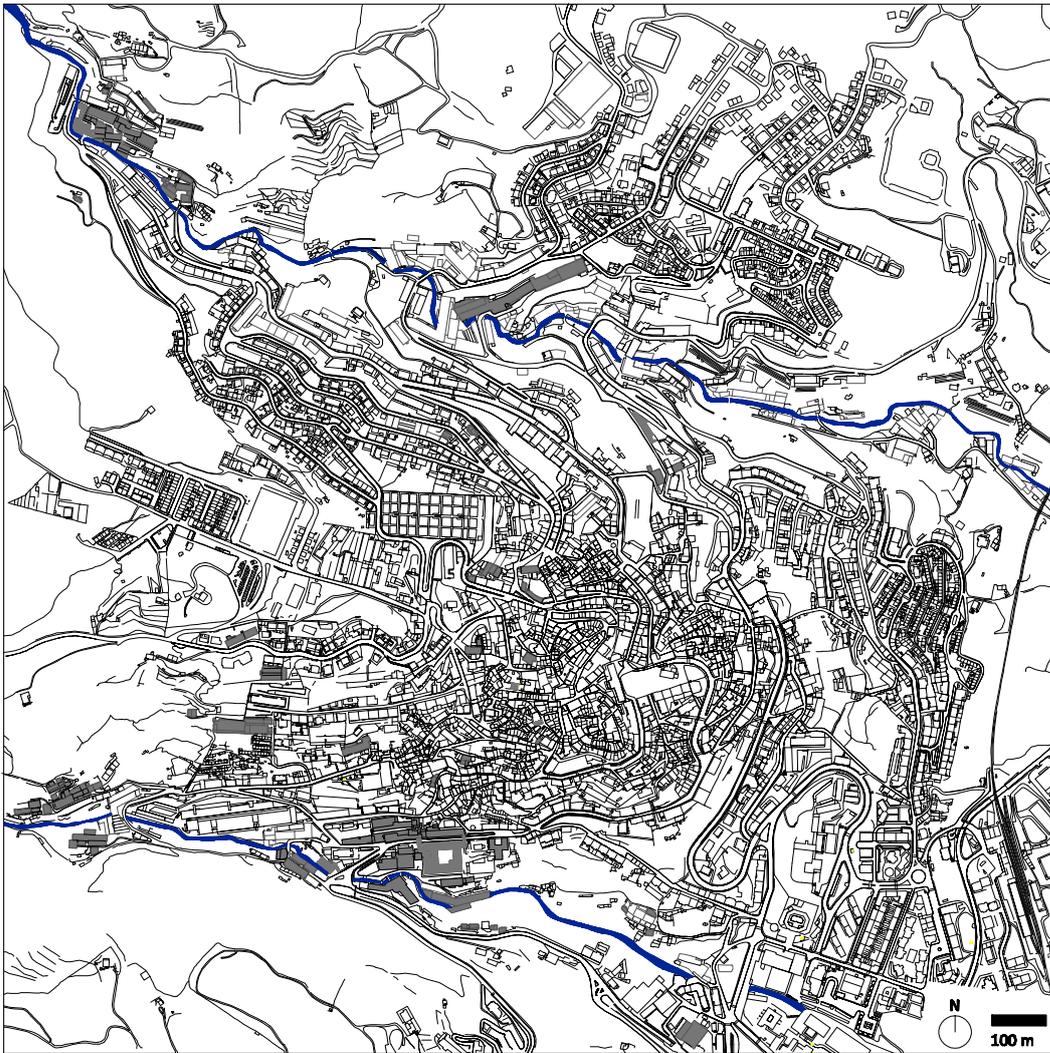


Figura 77 - Covilhã: planta do edificado fabril no século XVIII.

## A imagem da cidade da Covilhã

No caso da cidade da Covilhã, “(...) a organização industrial localizada ao longo dos principais **eixos de água** adivinha a ancestralidade que remonta à idade média. (...) é fácil reconhecer uma imagem identitária às ribeiras da Carpinteira e da Goldra (...).”<sup>60</sup> Pelo facto de se tratar de uma monoprodução de lanifícios, e por isso ter sempre mantido o edificado no centro histórico destinado às fases de produção que não precisavam de energia hidráulica, a Covilhã não foi apenas uma cidade que acolheu uma indústria dispersa, mas sim que foi muito marcada no seu tecido urbano pela produção industrial. Toda a cidade viveu da indústria, tendo-se esta implantado com maior concentração junto às ribeiras, manifestando-se principalmente nas imensas **unidades industriais**, mas também nos **bairros dos operários** e nas **habitações burguesas dos industriais**. É uma cidade que viveu essencialmente da indústria desde o século XVIII, que foi construída vocacionalmente para a actividade dos lanifícios e que em função desta cresceu e desenvolveu o seu tecido urbano. Foi uma indústria que “(...) se apropriou do território através das instalações longitudinais ao longo das ribeiras e que conquistou a própria urbe(...)”<sup>61</sup>

Ao longo das suas ribeiras, a cidade foi sempre marcada pelas construções associadas à indústria dos lanifícios, tanto por edifícios de maior ou menor escala, como por infra-estruturas que permitiam a utilização da água em benefício da produção. Construções que armazenavam e transportavam a água – tanques e levadas - e que tratavam os tecidos - râmolas de sol. A água funcionava como principal infra-estrutura da cidade, sendo o elemento dinamizador da sua economia industrial.

---

<sup>60</sup> FOLGADO, Deolinda – Paisagem Industrial: utopia na salvaguarda patrimonial. *Margens e Confluências*. Guimarães. 3 (2001) p. 70.

<sup>61</sup>*Ibidem*.

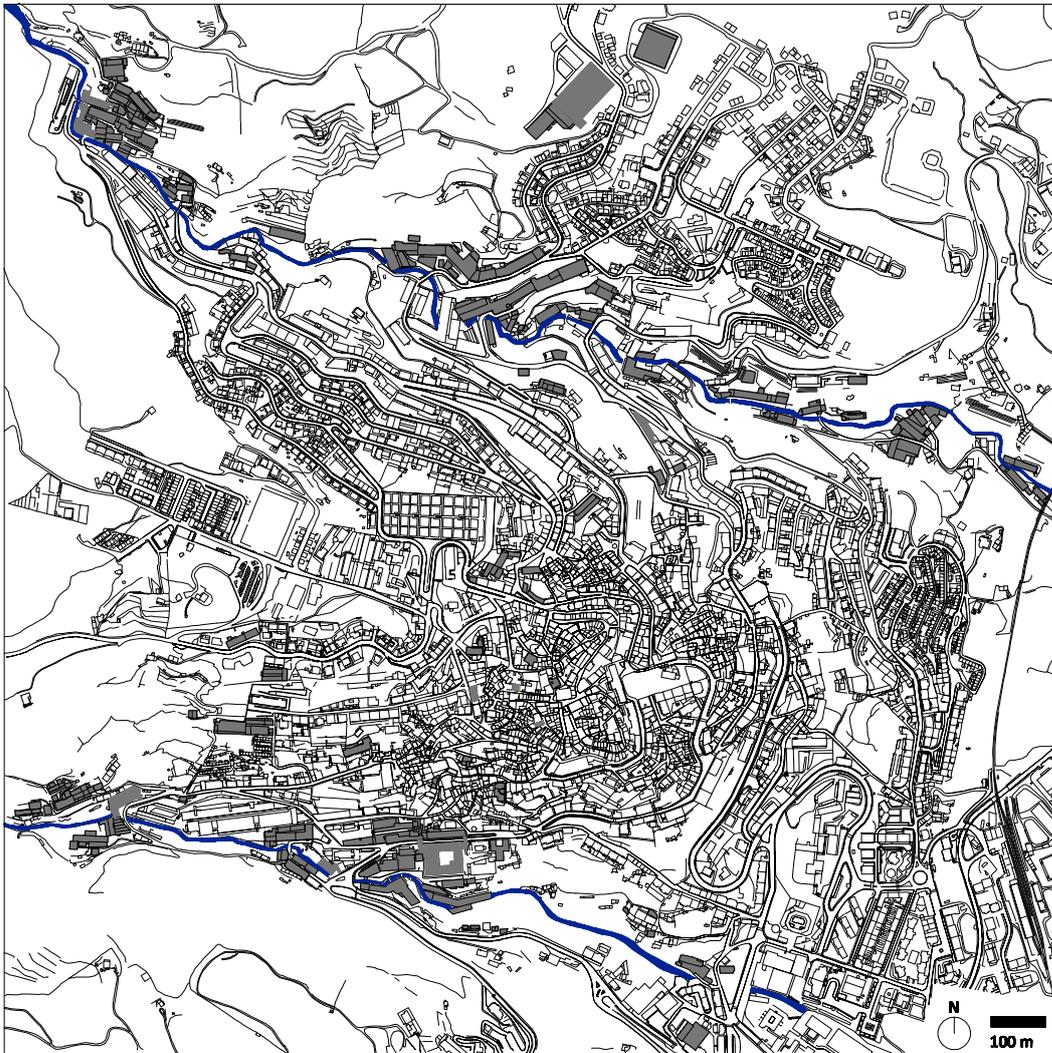


Figura 78 - Covilhã: planta do edificado fabril no século XIX.

A fase em que é notório um grande desenvolvimento da indústria ao nível das estruturas fabris pelas alterações que produziram no território, é sem dúvida na passagem do século XVIII para o século XIX. No século XVIII já é visível um domínio da indústria na cidade, mas principalmente na Ribeira da Goldra, sendo que eram ainda poucas as estruturas visíveis na Ribeira da Carpinteira, provavelmente pela sua localização mais afastada do centro histórico. Em setecentos, a cidade é portanto marcada pelas unidades fabris da Ribeira da Goldra, sendo que aqui se localizavam as Reais Fábricas que surgiram com a iniciativa estatal de desenvolver a indústria no nosso país. Este período corresponde à manufactura, mas numa altura que esta não estava ainda plenamente desenvolvida na cidade. O grande salto foi dado na passagem para o século XIX, em que há uma invasão da cidade pelas estruturas industriais. Esta evolução é bem visível no tecido da cidade, em que na Ribeira da Goldra o aumento do edificado fabril não é tão significativo, mas por sua vez na Ribeira da Carpinteira, a sua expansão é muito visível, criando aqui um grande pólo industrial que não era visível em setecentos. A segunda metade do século XIX, correspondente à chegada da industrialização a Portugal, é marcada na cidade pela adopção da energia a vapor por parte de algumas unidades industriais, mas a maioria terá permanecido segundo o modelo da manufactura, aumentando a escala das suas estruturas, como aliás aconteceu por todo o país. No século XX foram poucas as alterações em relação ao século anterior. Há uma mancha considerável de tecido na ribeira da Goldra, agora ocupada pelo conjunto industrial da Fonte do Lameiro, enquanto na Ribeira da Carpinteira surge outra mancha de fábricas, correspondentes neste momento ao pólo IV da Universidade da Beira Interior, de que são exemplo o conjunto industrial Ernesto Cruz e a empresa de Roque Cabral & Filhos, actual residência universitária.

A fase da introdução da manufactura foi sem dúvida a que mais transformou a *paisagem* da cidade da Covilhã, correspondendo à passagem do século XVIII para o século XIX, pelo facto de ter introduzido um novo modelo de concentração da produção num só edifício, que fez com que o edificado fabril visse a sua

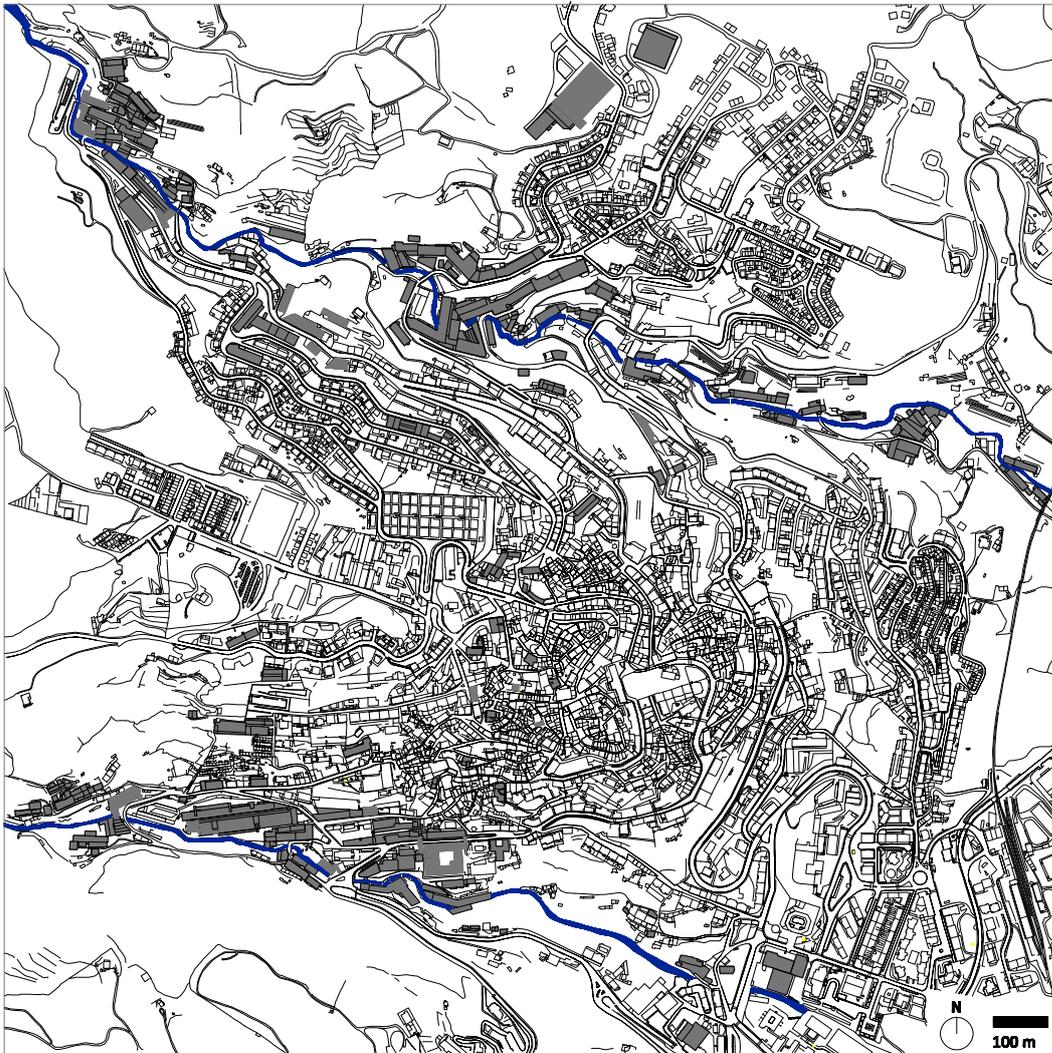


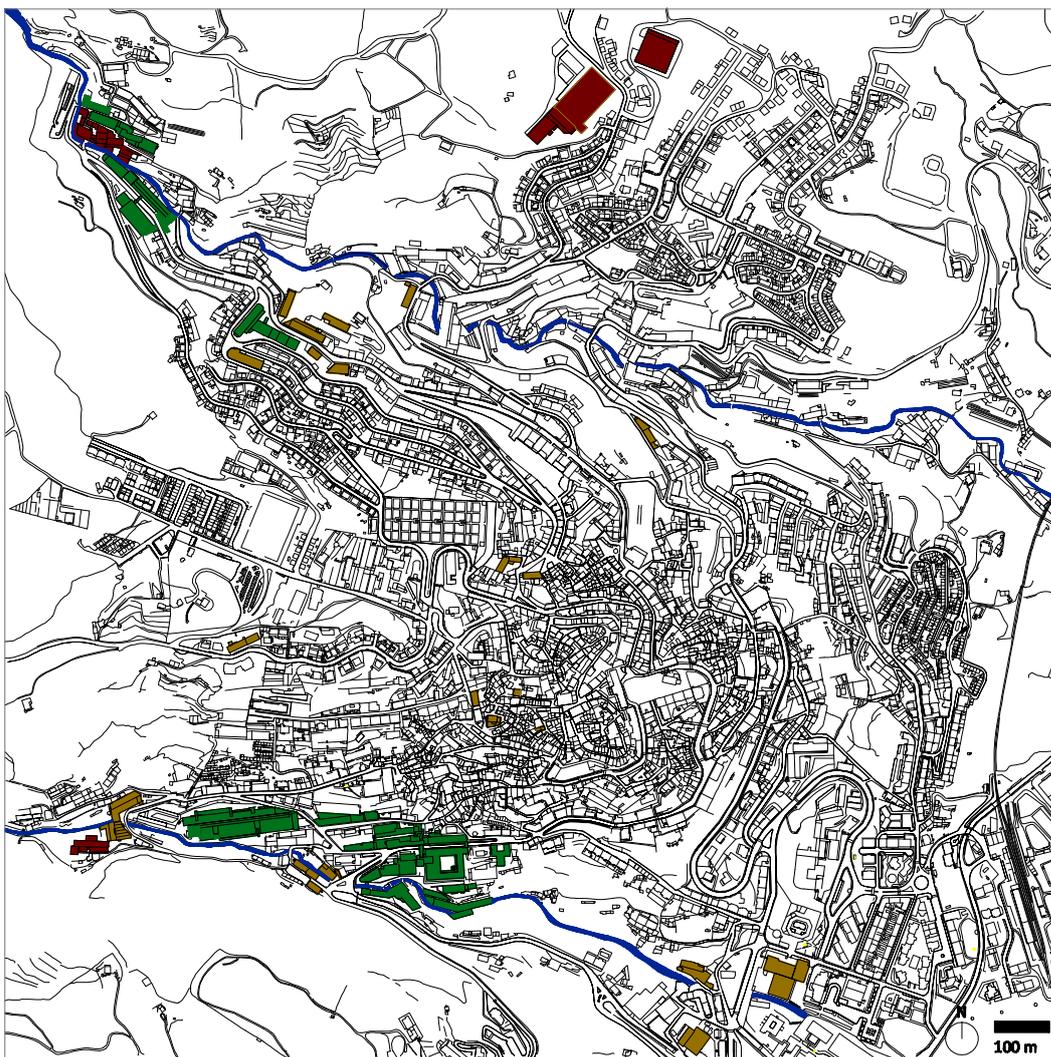
Figura 79 - Covilhã: planta do edificado fabril no século XX.

escala aumentar substancialmente. As ribeiras passaram a ser completamente dominadas por imensos conjuntos industriais paralelos ao declive por melhor assim se adaptarem, adquirindo a própria indústria uma escala muito superior na cidade, passando a dominar a sua *paisagem*. Após a industrialização, poucas foram as alterações sentidas, já que só algumas indústrias substituíram a energia a vapor pela energia hidráulica, e as que o fizeram, foi nas mesmas construções onde funcionava a manufactura, portanto não foi notória ao nível da paisagem a transição da manufactura para a fase pós industrialização nas fábricas em si. “(...) a sua proximidade com a água, a sua configuração, a sua implantação ocasional sempre dependente de um melhor aproveitamento hidráulico, permaneceram.”<sup>62</sup> O elemento que mais marcou a paisagem pós industrialização foi a chaminé, que no caso da Covilhã é um elemento presente ao longo das ribeiras e que naturalmente se destaca do comum das construções e das fábricas em si. Símbolo de progresso técnico, esta estava quase sempre associada à nova energia do vapor. Trata-se de um elemento vertical que se destaca fortemente do resto da *paisagem* onde predominam as linhas horizontais.

O que foi mantido desta *paisagem* que caracterizou a cidade durante estes três séculos, tem uma força que permite identificá-la como antiga cidade industrial. A sua *paisagem* actual continua marcada pelos grandes edifícios industriais, na sua maioria de alvenaria de pedra, ao longo das duas ribeiras, pelas grandes chaminés de tijolo e pelas fontes, tanques, râmolas de sol e outros elementos que se mantiveram também aí até hoje. Na ribeira da Goldra, mais central, a maior parte do edificado fabril abandonado foi recuperado para instalações da Universidade da Beira Interior. Esta recuperação foi feita de forma a manter a estrutura do edificado, o que faz com que estes edifícios continuem a ter o carácter de fábrica, de grande estrutura de pedra que noutros tempos acolheu a produção industrial. As chaminés foram também mantidas tal como eram, proporcionando uma *imagem* de indústria desaparecida.

---

<sup>62</sup>*Ibidem*.



- Fábricas reabilitadas pela UBI.
- Fábricas com outras utilizações.
- Fábricas ainda a funcionar.

Figura 80 - Covilhã: planta actual de reutilização do edificado fabril.

No centro histórico, esta *imagem* de cidade outrora industrial não é tão visível, pelo facto das estruturas ligadas à indústria serem de pequena escala e estruturalmente semelhantes a qualquer outro edifício tipicamente habitacional. Sendo que hoje em dia grande parte destes está em ruínas, e os que foram mantidos têm outra utilização por norma ligada ao município.

Na Ribeira da Carpinteira, apesar de algumas terem sido reabilitadas e adaptadas a novos usos, a maior parte das fábricas antigas estão em ruínas ou abandonadas. As reabilitações foram realizadas, mais uma vez, principalmente pela Universidade da Beira Interior, com as instalações do Pólo IV a ocupar o antigo complexo Ernesto Cruz, ou com as residências universitárias a ocupar o complexo Roque Cabral. Há também casos de reabilitações para habitação e também casos em que funcionam ainda como fábricas de têxteis.

A especificidade da cidade histórica e da sua *imagem* encontra-se comprometida face à degradação do tecido construído, factor que tende a resultar num processo de deterioração da *imagem* urbana. As intervenções nesse tecido irão sempre transforma-la de alguma forma. Ao transformar o património, a sua imagem, há a possibilidade de perda de identidades urbanas e culturais. A questão é definir quais os critérios correctos de intervenção a ter em conta de modo a adaptá-los a cada situação e melhor salvaguardar e valorizar a identidade do local, não produzindo assim uma transformação significativa na *imagem* da cidade. Os valores da cidade antiga são sujeitos a novos significados, são adaptados de uma maneira funcional às necessidades actuais.

Naturalmente que, no caso da Covilhã, a escolha de manter todo o edificado fabril, reabilitando-o e adaptando-o a novos usos é, antes de mais, uma operação vantajosa a nível económico, pelo baixo custo das fábricas falidas nos anos setenta. Mas é também sem dúvida uma tentativa de salvaguardar a história e a *imagem* desta cidade, tendo sido a Universidade da Beira Interior a



Figura 81 e 82 - Covilhã: exemplos da relação do edificado com a topografia. Vista sul do Polo I da UBI e Museu de Lanifícios (núcleo da Real Fábrica Veiga).



Figura 83 e 84 - Covilhã: exemplos da relação do edificado com a topografia - Residência universitária Pedro Álvares Cabral.

grande impulsionadora desta atitude de reabilitação da cidade. Certamente que haverá casos em que esse passado foi mantido com maior ou menor fidelidade, mas o que é certo é que foi conseguida em geral a reabilitação dos antigos espaços industriais, adaptando-os a novos usos, fazendo com que os novos espaços fossem de facto vividos pela população, tratando-se de uma reabilitação não só arquitectónica, mas principalmente económica e social.

A *imagem* de uma cidade é composta pela relação entre o edificado, entre os cheios e vazios, pela sua volumetria, pelos materiais e pela sua linguagem. A Covilhã é uma cidade muito marcada pela topografia, o que faz com que esta esteja muito presente na sua *imagem*. É um factor muito importante na definição de relações entre o edificado, sendo que há casos em que ajuda a que essa relação se estabeleça, mas outros em que faz com que haja quebras na *paisagem*, pelas constantes diferenças de cotas ao longo da cidade. Ou seja, numa visão geral, a topografia faz com que a *paisagem* da Covilhã se torne numa sobreposição de longas naves industriais que se expandem ao longo das encostas, tornando-se uma imagem característica desta cidade. Mas, por outro, numa visão mais local, esta pode impedir o estabelecimento de relações entre os edifícios e as ruas, introduzindo uma quebra no desenho urbano e impedindo que certos momentos participem da *imagem* da cidade.

A intervenção arquitectónica num espaço marcado pela história como este, é sempre uma questão ambígua. Não há um modo ideal de intervir sobre o património e cada caso tem que ser visto segundo as especificidades do lugar e do próprio edificado. É neste sentido que surge agora a análise dos casos de estudo, para assim perceber as consequências da sua reabilitação para a *paisagem* e *imagem* da cidade da Covilhã.



Figura 85 e 86 - Museu de Lanifícios da UBI.

## Análise dos casos de estudo à luz da imagem da cidade

Nos casos de estudo estudados no capítulo anterior, são diferentes os modos de intervir sobre cada edifício.

Na transformação da Real Fábrica de Panos no núcleo do Museu de Lanifícios da UBI, não foi com a intervenção posta em causa a arquitectura do edifício. Esta reconversão para o museu foi com o objectivo de manter, tanto a arqueologia e história industrial, como a arquitectura que caracterizou a indústria da cidade. As alterações que foram feitas em relação ao original são muito pontuais, não comprometendo a estrutura do edificado. Os alçados do edifício pombalino foram rigorosamente mantidos como originalmente, sóbrios, com aberturas regulares, simétricos e austeros. No interior do edificado, foi feita a distinção entre o pré-existente e o reconstruído, através do uso de diferentes materiais ou desníveis no pavimento para marcar essa distinção. Este princípio de acção é indiciado pela carta de Veneza.

Desta antiga fábrica pombalina faz parte um dos momentos mais característicos da imagem desta cidade. Uma ponte pedonal em arco de volta inteira que liga esta fábrica à Real Fábrica Pereira da Silva e que representa simbolicamente uma porta da cidade. Este é um momento importante na cidade, um caso em que se dá o confronto com um elemento definidor da sua *imagem*. Um momento tal como Gordon Cullen define, que surge quando se percorre a cidade, descoberto à sua passagem. Com a reabilitação de todo o edificado que constitui o pólo I da UBI, é também construído em 1988, uma nova passagem superior pedonal, que une o lado norte e o sul dos edifícios universitários. Este novo elemento que é introduzido no antigo conjunto industrial representa novamente um momento de surpresa no percurso da cidade, sendo que se trata de uma citação do passado ali presente com a ponte antiga. Deste modo, a rua

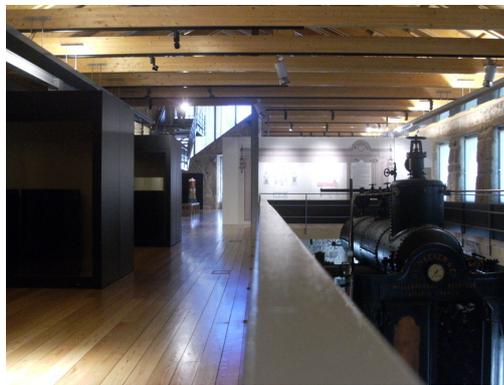


Figura 87 e 88 - Museu de Lanifícios da UBI - núcleo do arquivo histórico.

que atravessa o pólo I da UBI é um dos mais importantes locais da cidade que definem indiscutivelmente a sua *imagem pública*.

No segundo núcleo do Museu de Lanifícios, a antiga Real Fábrica Veiga, foram mantidos os elementos construtivos do edificado existente, composto por paredes espessas de alvenaria de granito e cobertura de telha. No interior foram aproveitadas as lajes de betão armado que surgiram aquando de uma das alterações sofridas pelo corpo principal ainda enquanto fábrica. Sendo que aqui também foi seguido outro dos princípios da Carta de Veneza, ao serem mantidos e respeitados os contributos das diferentes épocas referentes à edificação de um monumentos histórico. No corpo sul da antiga fábrica, o pavimento foi feito de raiz com estrutura de ferro e madeira, pelo original se encontrar em mau estado, e as divisórias interiores de todo o museu foram feitas em gesso cartonado para melhor se adequar à versatilidade própria do programa. Estando aqui de novo presente a distinção entre os materiais pré-existentes e os novos, grande parte destes eram os já existentes enquanto fábrica. Tal como na Real Fábrica de Panos, aqui foram mantidos os alçados como originalmente, com as suas longas fachadas simétricas a manter a sua métrica. Excepto no alçado nascente, onde na ligação entre o volume principal e o volume a sul é feita uma abertura gigante a fazer a ligação do telhado do volume principal ao outro. Mas mais uma vez é feita a distinção clara entre o que já existia e o que foi feito de novo, também pelo emprego de um ripado de madeira vertical exterior ao vidro.

No caso deste edifício, a sua implantação coloca-o numa posição desfavorável em relação à malha urbana. Situa-se a uma cota inferior tendo em conta os outros edifícios do pólo I da UBI e num acesso secundário. O que faz com que seja pouco interventivo na *paisagem urbana*, quanto à chamada *visão serial*. A sua volumetria destaca-se numa visão mais geral, de encosta, em que aparece, como já referido, como um dos longos corpos que povoam uma das encostas da cidade, e que contribui para a imagem da Covilhã pela sua volumetria, materiais e linguagem então mantidas.



Figura 89 e 90 - Biblioteca Central da UBI.



Figura 91 e 92 - Faculdade de Engenharia da UBI.

A transformação do Palacete José Mendes Veiga na Biblioteca Central da Universidade da Beira Interior é um caso de intervenção muito diferente dos já falados. Aqui é igualmente respeitado o edifício já existente, mas surge um novo junto à pré-existência, sendo que os dois constituem a biblioteca. Do antigo Palacete foram mantidos os seus materiais e o ritmo das fachadas, tendo havido naturalmente uma excepção na junção dos dois volumes. Aqui, o monumento histórico é mantido, mas tudo o que é novo ao edifício é distinguido pelos materiais, sendo que o novo adquire uma grande escala no conjunto. Esta obra tem uma forte presença na rua que percorre o pólo I da universidade, com a sua fachada virada para esta, criando um espaço livre exterior pelo recuo do volume central da fachada, mas que depois se fecha para o espaço público através de um muro. Este conjunto tem uma relação importante com a rua, representando também um momento diferente no seu percurso.

Na reabilitação da Empresa Transformadora de Lans pela Faculdade de Engenharia da UBI, foi preservada a volumetria original e a fachada principal, com os seus painéis em azulejo. Aqui está uma vez mais presente um princípio da Carta de Veneza que define que os elementos de escultura, pintura ou decoração que fazem parte do monumento devem ser igualmente conservados e não devem ser separados deste. Neste caso, o edifício tem uma escala que o distingue das outras construções industriais próximas, pelo seu excessivo comprimento. A sua fachada nascente, virada para a rua que lhe dá acesso, marca o edifício pelos aspectos já falados, com painéis de azulejos que lhe atribuem uma importância que os outros alçados não têm, também pelo facto de não estarem em contacto com o espaço público. Deste modo, esta longa nave marca a paisagem exactamente pelo seu comprimento e pelo seu alçado principal trabalhado que cria uma vez mais um momento de relação com a rua.

A residência Pedro Álvares Cabral foi talvez o caso aqui estudado em que são feitas mais alterações ao edificado original. O volume de ligação das



Figura 93 e 94 - Residência Pedro Álvares Cabral.



Figura 95 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras e Complexo fabril do Sineiro (ao fundo).

residências feminina e masculina foi construído de raiz, as fachadas das duas residências foram mantidas excepto a fachada sudoeste do corpo B (masculina) que foi inutilizada tendo sido construída uma nova, recuada em relação à existente, por mais uma vez não se adaptar ao programa, revelando-se complicado ligar os quartos a essa fachada. O interior manteve as características de grande nave industrial no espaço central de circulação, sendo que na área dos quartos passou a ser compartimentado. Mas, ainda assim, sendo a unidade habitacional em duplex, foram mantidos os pés direitos, um factor fundamental para o carácter do edificado. Este edifício, isoladamente constitui um elemento diferente do comum dos edifícios da envolvente, pela articulação dos dois volumes, pela ligação das fachadas a criar um momento de excepção em curva. Quanto à sua relação com a malha urbana, trata-se de um caso em que a topografia dificulta a sua leitura. O edifício tem acesso por duas ruas diferentes, sendo uma delas mais importante. Mas, pelo facto deste vencer um grande declive, a rua principal só tem contacto com o corpo A, o que faz com que o edifício não tenha a presença no espaço urbano que seria de esperar.

No caso do complexo Ernesto Cruz, transformado na Faculdade de Ciências Sociais, as alterações ao edificado existente, aos dois edifícios que o compõem, não são significativas, dando-se sobretudo ao nível do interior. Pela adequação ao novo programa, surgiu uma compartimentação interior que não existia no edificado pré-existente, apesar de terem sido mantidas algumas zonas em open space. Foi portanto mantida a traça dos edifícios fabris. Os dois volumes são separados pela rua que lhes dá acesso, sendo as fachadas opostas viradas, no caso do edifício a norte, para a ribeira, e no caso do edifício a sul, para a encosta.

É então essencial concluir que em todos os casos falados, foram mantidos os alçados, excepto em situações muito pontuais como no núcleo museológico da antiga fábrica Veiga, em que por melhor se adaptar ao programa e certamente



por oferecer maior qualidade formal ao edificado, o alçado nascente de ligação dos dois volumes teve uma alteração, assinalada pelo uso de um material diferente da pedra. Excepção foi também a Residência Pedro Álvares Cabral, que embora mantendo o alçado sudoeste, este deixa de ser tido em conta como tal e passa a criar uma espécie de galeria exterior com o novo alçado recuado. A única alteração do antigo alçado foi que deixou de ter caixilhos, passando só a ter aberturas. Outro aspecto é o facto de em todos terem sido feitas alterações interiores, o que é natural dada a mudança de programa, tendo sido mantidos os materiais utilizados no interior e quando tal não foi possível foi aplicado outro material mais uma vez para distinguir o novo do antigo. Ainda relativamente ao interior, é notória a tentativa de, apesar da necessidade de compartimentação que os programas impõem ao edificado, manter o open space que tanto caracteriza o espaço de produção fabril, como é o caso dos espaços comuns da residência. Um dos aspectos fundamentais destas reabilitações, e penso que em geral nas que foram feitas na cidade, é o facto de uma vez feita a intervenção, interior ou exterior, há uma clara distinção entre o antigo e o novo, dado fundamentalmente pelos materiais utilizados tanto nas áreas de reconstrução de parte do edificado em mau estado, como nos volumes feitos de raiz. É com este tipo de intervenção que permanece o carácter de fábrica, de grande estrutura ampla, de grande nave. E penso que em todos os exemplos estudados esse carácter é preservado, mais ao nível do exterior que do interior. É assim mantida uma forte ligação com o exterior, com a urbe, com a cidade que já foi fábrica.

Se a *imagem* da cidade é a relação de todos os elementos que a constituem, os elementos naturais, a topografia, o edificado, a sociedade, a história e os símbolos, então reabilitar o seu património é manter a sua *imagem*. É discutível qual a melhor forma de intervir sobre este, mas o facto de haver a intenção de manter a história e as memórias de uma cidade, faz com que seja já uma forma de manter a sua *imagem*, tal como se vê na cidade da Covilhã. A *imagem* é um elemento que fica na memória para caracterizar uma determinada realidade.



Após a análise das intervenções nas antigas fábricas da Covilhã, é possível dizer que a *imagem* que esta cidade cria na memória é realmente de antiga cidade industrial. Os elementos arquitectónicos que podem claramente definir a sua imagem passam pelos alçados do edificado fabril, pela sua relação com a rua, pelos materiais utilizados e pela sua volumetria em geral. São elementos que foram maioritariamente mantidos e que fazem com que os vales das ribeiras sejam dominados por grandes estruturas industriais ao longo do declive, tal como eram desde o século XVIII.

Manter o exterior do edificado é manter a sua *imagem*? Esta questão pode não ser de fácil resposta. Mas manter e respeitar um edifício, é também respeitar e valorizar a sua história, e principalmente tornar o edificado útil para a cidade. Representando assim a sua história mas adaptando-se à realidade do presente e às suas necessidades. Penso que este facto é muito positivo e pode ter sucesso na reabilitação das cidades, não destruindo o seu passado mas articulando-o com o presente. “(...) acredita-se que a história é um processo dinâmico e, como tal, o património e a sua salvaguarda também (...). Neste sentido o património histórico e cultural deve ser usufruído pela sociedade contemporânea. (...) é bem vista a adequação do recurso patrimonial às necessidades sociais de cada época.”<sup>63</sup> No processo de intervenção no património é essencial o respeito pelas características formais, técnicas e tipológicas do edificado. É respeitando estas características que se mantém a *imagem* de uma cidade e se valoriza a sua história, intervindo no seu edificado e criando novas oportunidades e novas estruturas, mantendo o património antigo. Foi este o caso da cidade da Covilhã. O seu património industrial foi respeitado e valorizado mas adequado às necessidades do presente.

Kevin Lynch distingue diferentes modos de criação da *imagem* que caracteriza uma cidade. Num caso, de uma forma mais geral, em esta é criada

---

<sup>63</sup> MENEZES, Marlucci; TAVARES, Martha – *Salvaguarda da imagem da cidade histórica e dinamização do património urbano. Discutindo algumas questões*. 2004. P. 7.



pelos elementos que se repetem, pela *paisagem* constante, tal como por exemplo, numa cidade com malha ortogonal que é definidora da sua *imagem*. Outro caso é a criação da *imagem* da cidade a partir de um *elemento marcante*, de um ícone, um elemento característico que permita identificar a cidade, torná-la única. Aplica-se aqui a *imaginabilidade* referida pelo mesmo autor, a capacidade de evocar uma *imagem* forte no observador, de ficar na memória devido a um ponto que a marca. A cidade da Covilhã tem essa capacidade. Há momentos que a marcam induscutivelmente e que fazem com que esta seja conotada com uma determinada *imagem*. Exemplo disso é sem dúvida a ponte pedonal de ligação das Reais Fábricas da ribeira da Goldra. Pela sua localização numa rua importante para a cidade e pela sua forma em arco de volta inteira construído em pedra, representa uma porta da cidade, um ícone, um *ponto marcante* na *paisagem* que define a sua *imagem*. Por outro lado, há também uma *imagem*, enquanto paisagem, que identifica esta cidade. É a imagem construída nos vales das ribeiras pelos grandes volumes que surgem ao longo da encosta, paralelos às curvas de nível, e que permitem também identificá-la como antiga cidade industrial.



## Conclusão

Conclui-se com este trabalho, antes de mais, que a atitude de intervenção no património industrial que é visível na cidade da Covilhã é uma iniciativa que, independentemente de pretender ou não manter a sua *imagem*, foi essencial para o crescimento e desenvolvimento da cidade a partir da segunda metade do século XX. Uma vez finda a sua indústria, esta cidade perde o sistema económico que a move e é obrigada a criar novos meios de desenvolvimento, para a qual vai ser fundamental a Universidade da Beira Interior. Esta instituição torna-se, além do principal factor de recuperação da cidade após a decadência da indústria, o organismo que até hoje dá dinamismo à cidade, tendo nela cada vez mais presença. No fundo, a Universidade veio substituir a indústria na cidade, instalando-se com as mesmas funções de motor económico e nos mesmos edifícios ocupados pela indústria. Foi, portanto, fundamental para a reabilitação da cidade o surgimento da universidade.

A *imagem* criada por esta cidade desde setecentos é de “cidade fábrica”, com longas naves a dominar as suas ribeiras. É difícil dizer se a atitude de reabilitação das antigas fábricas da cidade teve como objectivo manter a *paisagem* e a *imagem* da cidade. Certamente que pretendeu reabilitar a cidade histórica, socialmente e arquitectónicamente, mas para esta contribuiu imenso



Figura 96 - Fábricas da Ribeira da Carpinteira.

a parte prática da reabilitação do edificado: era vantajoso economicamente. Mas, apesar deste facto, a reabilitação foi realizada à escala de toda a cidade, criando grande impacto nesta. Sendo a *imagem* da cidade, enquanto *paisagem*, construída pelas volumetrias, materiais e alçados do seu edificado, no fundo pelos factores que concorrem para a sua relação com o espaço urbano, penso que esta terá sido mantida no caso da Covilhã. A sua *paisagem* continua a ser fortemente marcada pelos vales das ribeiras dominados pelos conjuntos industriais. Edifícios que têm uma forte conotação com a produção industrial e que permitem imediatamente associá-la à cidade. Conclui-se portanto que o conjunto de intervenções levadas a cabo na cidade da Covilhã desde o fim da indústria, principalmente pela Universidade da Beira Interior, mantiveram a sua *imagem* e a sua *paisagem* inalteradas.

A Covilhã cresceu essencialmente vinculada à indústria e aos eixos das ribeiras ao longo das quais esta se desenvolveu. E é nestes *eixos de água* que é criada a *imagem* desta cidade. Ao se aproximar do centro da cidade, dá-se o confronto com uma *imagem* que a caracteriza enquanto *paisagem*. Trata-se de uma das encostas da ribeira da Goldra, para onde estão voltadas as fábricas que constituem actualmente o polo I da Universidade da Beira Interior. Está aqui bem presente o carácter fabril daquele espaço, que facilmente se associa à indústria, pelos grandes e longos volumes, pelo uso da pedra, pela chaminé que não deixa esquecer aquele meio de subsistência que dominou a cidade. É portanto identificada na ribeira da Goldra uma *imagem* da cidade como *paisagem*, onde a topografia contribui para que as imensas naves industriais a surgirem quase sobrepostas, formem essa *imagem*. Por outro lado, a cidade que se construiu na ribeira da Carpinteira, mais afastada do centro da cidade (o polo I e o centro histórico), e tendo o edificado mais disperso, não cria propriamente uma *imagem* da cidade. Esta não é constantemente visível. Há momentos, no percurso de uma rua, em que se pode identificar na *paisagem* uma determinada *imagem*, mas penso que não será suficiente para a definição da cidade. Neste caso, existe de



Figura 97 e 98 - Fábricas da Ribeira da Goldra, 2009 (em cima) e da Carpinteira, s.d.

facto um património revelador de uma memória e de uma *imagem*, mas esta não chega a representar a cidade, pelo facto da topografia não permitir a sua legibilidade. Esta *imagem* perde-se, pela dificuldade em ser visível, em ter aqui uma presença forte. O amontoado de construções que surge hoje nas encostas das ribeiras e que por vezes esconde as suas fábricas, não deixa que se desenhe essa *imagem* no caso da ribeira da Carpinteira.

Tal como Kevin Lynch distingue diferentes elementos criadores de imagens, que tanto podem compôr uma *imagem urbana de paisagem*, constante, geral, como outra, caracterizada por um elemento ícone, também no caso da Covilhã é visível essa distinção. Deste modo, esta cidade é caracterizada por duas imagens que a caracterizam fortemente. Uma de encosta, na ribeira da Goldra, a partir de vários elementos que juntos vão compor essa *imagem*, visível na aproximação do centro da cidade para quem vem de nascente, o que a valoriza ainda mais. Outra, de excepção, criada a partir de um elemento marcante que a caracteriza e principalmente que permite identifica-la e distingui-la - a ponte em arco de volta inteira que representa uma porta da cidade.

Conclui-se também que este caso constitui um exemplo de sucesso na salvaguarda do património industrial português, tratando-se de um caso com dimensões que o tornam único no nosso país. É um bom exemplo de reabilitação que obteve bons resultados e que foi muito positiva para a cidade.



## Bibliografia

### Monografias

ALMEIDA, Pedro Vieira de - **A Arquitectura no Estado Novo: uma leitura crítica**. Lisboa : Livros Horizonte, cop.2002. 261 p. ISBN 9722412191.

ANDRIEUX, Jean-Yves – **Le Patrimoine Industriel**. Paris : Presses Universitaires de France, 1992. 128 p. ISBN 2130445683.

BANDEIRINHA, José António – **Quinas Vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40**. 2ª ed. Porto : FAUP, 1996. 163 p. ISBN 9729483159.

BENEVOLO, Leonardo – **Historia de la arquitectura moderna**. 7ª ed. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, SA, 1994. 1146 p. ISBN 8425217938.

CABRAL, Bartolomeu Costa - **A universidade e a cidade**. Covilhã : Universidade da Beira Interior, 2005. 289 p. ISBN 9728790279.

CABRAL, Bartolomeu Costa – **Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: memória descritiva e justificativa**. 2004. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

CHOAY, Françoise – **Alegoria do património**. 2ª ed. Lisboa : Edições70, 2008. 245 p. ISBN 9789724412740.



CULLEN, Gordon – **Paisagem Urbana**. Lisboa : Edições 70, 2002. 202 p. ISBN 9724405303.

CUSTÓDIO, Jorge – **Reflexos da Industrialização na fisionomia e vida da cidade**. In O livro de Lisboa. Lisboa : Livros Horizonte, 1994. ISBN 9722408801. p.435-492.

FERNANDES, José Manuel – **Arquitectura e indústria em Portugal no século XX**. Lisboa : Sécil, 2003. 207 p.

FERNANDES, José Manuel - **Português suave: arquitecturas do estado novo**. Lisboa : IPPAR, cop. 2003. 243 p. ISBN 9728736266.

FERNANDEZ, Sergio – **Percurso: arquitectura portuguesa: 1930-1974**. 2ª ed. Porto : Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988. 207 p.

GARCIA BRÃNA, Celestino; LANDROVE, Susana; TOSTÕES, Ana – **A arquitectura da indústria 1925-65: registo do Docomomo Ibérico**. Barcelona : Fundação Docomomo Ibérico, 2005. 276 p. ISBN 8460942953.

**Inventário do Património Industrial: Cidade da Covilhã**. IPPAR /UBI. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

KOSTOF, Spiro – **The city assembled: the elements of urban form through history**. London : Thames and Hudson, cop. 1992. 320 p. ISBN 0500341249.

KOSTOF, Spiro – **The city shaped: urban patterns and meanings through history**.

London : Thames and Hudson, cop. 1991. 351 p. ISBN 0500341184.

**Levantamento das unidades industriais**. Acessível nos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

LYNCH, Kevin – **A imagem da Cidade**. 2ª ed. Lisboa : Edições 70, 2008. 198 p. ISBN 9789724414119.

MARTINS, Luísa - O Loft (n) o património industrial (d) a cidade: a reconversão em habitação no centro urbano. Coimbra : [s.n.] 2009. Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura apresentado à Faculdade de Ciências e Tecnologia da



Universidade de Coimbra. 95 p.

MENEZES, Marlucci; TAVARES, Martha – **Produzir saber e inventar práticas interdisciplinares no âmbito da intervenção urbana e salvaguarda da imagem da cidade**. Lisboa : LNEC, 2007. 15 p. ISBN 9789724921105.

MENEZES, Marlucci; TAVARES, Martha – **Salvaguarda da imagem da cidade histórica e dinamização do património urbano: discutindo algumas questões**. Lisboa : LNEC, 2004. 16 p. ISBN 9724920143.

MESTRE, Margarida - Evolução urbana e urbanística da cidade da Covilhã. Coimbra : [s.n.], 2006. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 149 p.

MUMFORD, Eric – **The CIAM Discourse on Urbanism**. Massachusetts : The MIT Press, . 375 p. ISBN 0262133644.

PEREIRA, Nuno Teotónio - **Candidatura ao prémio Sir Robert Mathew, Prize Nominee, UIA 2005: uma ideia para a cidade da Covilhã**. Lisboa : Ordem dos Arquitectos, 2005. 65 p. ISBN 9728897081.

PHILIPS, Alan – **Arquitectura Industrial**. Barcelona : Gustavo Gili, 1993. 224 p. ISBN 8425216133.

PINHEIRO, Elisa Calado – **Catálogo do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Panos**. Covilhã : Universidade da Beira Interior, 1998. 138 p. ISBN 9729209618.

PORTAS, Nuno – **A arquitectura para hoje seguido de evolução da arquitectura em Portugal**. 2ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, 2008. 210 p. ISBN 9789722415668.

PORTAS, Nuno – **A cidade como arquitectura**. 2ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, 2007. 212 p. ISBN 9722414631.

**Reconversão e musealização de espaços industriais**. [S. l.] : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. 185 p. ISBN 9729827737.

RELPH, Edward – **A Paisagem Urbana Moderna**. 2ª ed. Lisboa : Edições 70, 2008. 245p. ISBN 9724408132.



ROSSI, Aldo – **A Arquitectura da Cidade**. 2ª ed. Lisboa : Ed. Cosmos, 2001. 258 p. ISBN 9727621260.

RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José Amado - **História da Indústria da Idade Média aos nossos dias**. Mem Martins : Publicações Europa-América, 1999. 489 p. ISBN 9721046949.

SILVA, Vasco - Revolução (des)industrial: museificar, reutilizar e converter. Coimbra : [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado integrado em Arquitectura apresentado à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 149 p.

TOSTÕES, Ana - **Arquitectura moderna portuguesa: 1920-1970**. Lisboa : IPPAR, cop. 2004. 391 p. ISBN 9728736355.

TRIGUEIROS, Conceição – **Residência Pedro Álvares Cabral: memória discritiva e justificativa**. 1999. Acessível nos serviços técnicos da Universidade da Beira Interior.

## Revistas

“Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747.

## Artigos

COSTA, Alves - A arte de construir a transformação. Património estudos. Lisboa. 3 (2002) 124-128.

BEIRÃO, José Nuno - A geometria de um loft. Arquitectura e Vida. Lisboa. 77 (2006) 64-69.



FOLGADO, Deolinda – Inventário do património industrial da Covilhã: um caso de estudo no âmbito da salvaguarda patrimonial. *Património estudos*. Lisboa. 3 (2002) 115-123.

FOLGADO, Deolinda – Paisagem industrial: utopia na salvaguarda patrimonial. Margens e Confluências. Guimarães. 3 (2001) 65-89.

MENDES, Fernando Sequeira; TAVARES, Jorge Catarino - Recuperação/Reabilitação - Real Fábrica de Lanifícios, Colégio e Igreja de S. Sebastião. Arquitectura e Vida. Lisboa. 77 (2006) 44-51.

MILHEIRO, Ana Vaz; GONÇALVES, Clara Germana Gonçalves - As Pontes da Covilhã. Jornal dos Arquitectos, Lisboa. 209 (2003) 41-45.

PEREIRA, Nuno Teotónio; BOTELHO, Pedro - Plano de Urbanização dos vales das ribeiras da Goldra e da Carpinteira. Jornal dos Arquitectos, Lisboa. 209 (2003) 34-39.

GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ, Blanca Rosa; GUTIÉRREZ RODRIGUEZ, Natália - A Paisagem incerta. Mais Arquitectura, Lisboa. 04 (2006) 82-83.

## **Documentos electrónicos**

A Covilhã, de cidade industrial a cidade universitária [Em linha]. [Consult. 2009]. Disponível na internet: WWW: <URL:<http://bocc.ubi.pt/~fidalgo/ubiversidade/cidade-industrial-cidade-universitaria.html>>.

A fábrica das devesas - património industrial em risco [Em linha]. [Consult. 2010]. Disponível na internet: WWW: <URL:<http://www.queirozportela.com/devesas.htm>>.



Carta de Cracóvia 2000 - Princípios para a conservação e restauro do património construído [Em linha]. [Consult. 2010]. Disponível na internet: WWW: <http://194.65.130.238/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>>.

Carta de Veneza - Carta Internacional sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios [Em linha]. [Consult. 2010]. Disponível na internet: WWW: <URL:<http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/disciplinas/ppereira/CartaVeneza.pdf>>.

Covilhã [Em linha] [Consult. 2009]. Disponível na internet: WWW: URL<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Covilhã>>.

Covilhã [Em linha]. [Consult. 2009]. Disponível na internet: WWW: URL<<http://cidadedacovilha.blogs.sapo.pt/2711.html>>.

Lista de reis de Portugal [Em linha]. [Consult. 2010]. Disponível na internet: WWW: URL<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_reis\\_de\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_reis_de_Portugal)>.

MENDES, José Amado - Industrialização e Património Industrial: desenvolvimento e cultura. Actas do VIII Curso de Verão da Ericeira [Em linha]. (2006). [Consult. 2010]. Disponível na internet: WWW: <URL:[http://www.icea.pt/Actas/21\\_10h30m\\_José%20A%20Mendes.pdf](http://www.icea.pt/Actas/21_10h30m_José%20A%20Mendes.pdf)>.

O residual imaginário industrial nas transfigurações urbanas [Em linha]. (Dezembro 2006). [Consult. 2010]. Disponível na internet: WWW: <URL:[http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1810/1/FAUTL\\_13\\_B\\_RDuarte.pdf](http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1810/1/FAUTL_13_B_RDuarte.pdf)>.

Universidade da Beira Interior [Em linha]. [Consult. 2009]. Disponível na internet: WWW: <URL:[http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade\\_da\\_Beira\\_Interior](http://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_da_Beira_Interior)>.



## Fontes das imagens

Figura 1 – Planta tratada pela autora - base cedida pelos Serviços Sécnicos da Universidade da Beira Interior.

Figura 2- “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 33.

Figura 3 - Planta tratada pela autora - base cedida pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

Figura 4 - “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 90.

Figura 5 - “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 14.

Figura 6 - “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 90.

Figura 7 - “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 95.

Figura 8 - “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 95.

Figura 9 - “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 89.

Figura 10 à 15 – Fotografia da autora.

Figura 16 - Planta tratada pela autora - base cedida pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.

Figura 17 – “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 13.

Figura 18 à 24 – fotografia da autora.

Figura 25 - [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Hospital\\_Santo\\_Antonio\\_\(Porto\).JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/36/Hospital_Santo_Antonio_(Porto).JPG)

Figura 26 – [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/64/Palacio\\_da\\_Bolsa\\_\(Porto\).JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/64/Palacio_da_Bolsa_(Porto).JPG)

Figura 27 - [http://farm4.static.flickr.com/3194/2727951098\\_2856b2e95a\\_o.jpg](http://farm4.static.flickr.com/3194/2727951098_2856b2e95a_o.jpg)



- Figura 28 - <http://img.geocaching.com/cache/f34ef1f3-aad2-4d63-8c6d-c67b0baebd86.jpg>
- Figura 29 - <http://fotos.sapo.pt/vuLDnzCa3Pfs9JS4sieC/>
- Figura 30 - <http://www.publituris.pt/wp-content/uploads/bric/2105/0/BaixaPombalina.jpg>
- Figura 31 - [http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos\\_2003-1/vidros/temp/palaciodecristal.jpg](http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos_2003-1/vidros/temp/palaciodecristal.jpg)
- Figura 32 - [http://www.kalipedia.com/kalipediamedia/artes/media/200707/18/hisarte/20070718klparthis\\_675\\_les\\_SCO.jpg](http://www.kalipedia.com/kalipediamedia/artes/media/200707/18/hisarte/20070718klparthis_675_les_SCO.jpg)
- Figura 33 - <http://www.barcelonaexperience.com/images/spot%20light/bigPics/pedrera/b.gaudiPedreraD769.jpg>
- Figura 34 - <http://ccwe.files.wordpress.com/2008/10/victorhortastaircase.jpg>
- Figura 35 - Planta tratada pela autora - base cedida pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 36 à 39 – Fotografia da autora.
- Figura 40 – Planta tratada pela autora - base cedida pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 41 e 42 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 43 e 44 - CABRAL, Bartolomeu Costa - A universidade e a cidade. Covilhã : Universidade da Beira Interior.
- Figura 45 e 46 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 47 e 48 – Fotografia da autora.
- Figura 49 e 50 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 51 – fotografia da autora.
- Figura 52 e 53 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 54 e 55 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 56 e 57 – Fotografia da autora.
- Figura 58 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 59 – Fotografia da autora.
- Figura 60 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 61 e 62 – Fotografia da autora.
- Figura 63 à 66 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 67 – “Monumentos: cidades, património, reabilitação”. Lisboa. Julho 2009, nº29. ISSN 08728747. P. 108.
- Figura 68 - Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 69 à 71 – Fotografia da autora.
- Figura 72 – Desenho cedido pelos Serviços Técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 73 à 76 – Fotografia da autora.
- Figura 77 à 80 – Planta tratada pela autora - base cedida pelos Serviços técnicos da Universidade da Beira Interior.
- Figura 81 à 96 – Fotografia da autora.
- Figura 97 - <http://www.eb1-central.rcts.pt/images/covilha-1.jpg>.
- Figura 98 - <http://fotos.sapo.pt/2IIY6vTyef75hCmgq1NO/500x500>.



**ANEXOS**



## Sumário

Anexo 1- Planta actual de ocupação do edificado fábriI	I
Anexo 2- Planta actual de reutilização do edificado fábriI	II
Anexo 3- Planta do edificado fábriI no século XVIII	V
Anexo 4- Planta do edificado fábriI no século XIX	IV
Anexo 5- Planta do edificado fábriI no século XX	V
Anexo 6- Planta das fábricas da Ribeira da Goldra	VI
Anexo 7- Planta das fábricas da Ribeira da Carpinteira	VII